



BOLETINS DE OCORRÊNCIA: O INÍCIO DA INVESTIGAÇÃO DE ROUBO EM SÃO PAULO



Ficha Técnica

DIRETOR EXECUTIVO

Ivan Marques

COORDENADORA DE GESTÃO DO CONHECIMENTO

Stephanie Morin

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Janaina Baladez

COORDENADORA DO PROJETO

Ligia Rechenberg

ANÁLISE DE DADOS E REDAÇÃO DO RELATÓRIO FINAL

Fabiana Bento

REDAÇÃO

Fabiana Bento, Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes e
Flávia Fernandes Pinto


ANÁLISE DE DADOS

Fabiana Bento, Ivan Filipe de Almeida Lopes Fernandes e
Flávia Fernandes Pinto

Julho/2015

 soudapaz.org

 facebook.com/institutosoudapaz

 [@isoudapaz](https://twitter.com/isoudapaz)

Índice

1. Introdução	4
2. Metodologia	6
3. Perfil das ocorrências de roubo (outros).....	14
3.1. Análise temporal	15
3.2. Contexto do roubo	18
3.3. Outros dados sobre o contexto do roubo	27
3.4. Análise dos objetos roubados	29
4. Perfil das ocorrências de roubo de veículo	33
4.1. Análise temporal	33
4.2. Contexto do roubo de veículo.....	36
4.3. Outros dados sobre o contexto do roubo de veículo.....	45
4.4. Análise dos objetos roubados	45
5. Mensuração da quantidade de informação dos boletins por conjunto de variáveis	51
5.1. Cenário da ocorrência e registro de prisão em flagrante	51
5.2. Contexto do roubo	54
5.3. Objetos roubados	57
5.4. Perfil do criminoso	58
5.5. Perfil das vítimas e testemunhas	59
6. Considerações sobre os achados da pesquisa	61
7. Recomendações	65

1. Introdução

O crime de roubo cresceu significativamente nos últimos dez anos no Estado de São Paulo, sendo que só na capital paulista o aumento no número de ocorrências de roubo (outros)¹ verificado em 2014 em relação a 2013 foi de 27%. Em geral, o roubo é um dos crimes com maior volume de ocorrências – só perdendo para o número de casos de furto – fator que torna esse o principal tipo de ocorrência que impacta na sensação de segurança da população e que também evidencia a necessidade de planejamento de ações que tenham como objetivo reverter tal quadro.

Apesar de seu grande volume e impacto, poucos são os estudos publicados sobre o fenômeno dos roubos em São Paulo. Sabemos que uma melhor compreensão sobre as dinâmicas criminais é a base para o planejamento de ações mais eficazes e capazes de reduzir a incidência de crimes pelo território, contudo, uma ponderação sobre a atual conjuntura revela que ainda é necessário melhorar a capacidade de elaboração de dados sobre as características deste crime.

Com a falta de repertório sobre as principais características, locais de incidência e outros fatores que possam estar relacionados à prática delituosa, a realização de diagnósticos e o planejamento de ações preventivas que ajudem a reduzir o constante crescimento dos roubos também são prejudicados. Este é um problema importante e precisa ser tratado com cuidado.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao baixo índice de investigação frente ao volume de ocorrências. Segundo informações disponibilizadas pela Polícia Civil de São Paulo através de uma consulta feita pelo Instituto Sou da Paz via Lei de Acesso à Informação, o percentual de inquéritos instaurados na capital para o crime de roubo é muito pequeno perante o total de casos registrados². Esse é um resultado que alerta para um baixo índice de investigação e, a despeito de questões estruturais e de gestão do trabalho policial que podem ter impacto sobre a produtividade, o fato de a polícia dispor de um grande volume de casos com escassas informações pode acarretar no reduzido percentual de investigações iniciadas.

Em tese, uma importante fonte para o entendimento das características dos crimes que poderia ser utilizada para a realização de diagnósticos e planos de ação é o boletim de ocorrência (BO). Mesmo considerando a existência de casos não notificados às autoridades policiais, o boletim é a ferramenta oficial de registro do crime e nele constam informações como o local exato da ocorrência, dia e horário, uso de armas, características da prática

¹ O 'roubo (outros)' é uma categoria que agrupa o registro de ocorrências de roubo a transeuntes, comércio, banco, residências, em transporte coletivo, de cargas e outros casos, com exceção dos que dizem respeito ao roubo de veículos.

² Estima-se que esteja em torno de 5%.

delituosa, narrativa sobre a dinâmica dos acontecimentos, caracterização do autor do delito, dentre outras informações.

Se partirmos do pressuposto que, mesmo havendo subnotificação, o boletim é preenchido de maneira adequada e contém campos de coleta de informações para o entendimento da dinâmica da ocorrência, ele se torna uma ferramenta valiosa tanto para o processo de investigação e esclarecimento de crimes quanto para a realização de diagnósticos sobre a incidência destes pelo território.

Entretanto, o que observamos na prática é a existência de problemas no processo de registro das ocorrências que podem acabar afetando a capacidade de investigação dos crimes, situação que alerta para a necessidade de realização de uma avaliação detalhada sobre a qualidade das informações apresentadas pelos boletins de ocorrência para que seja verificado o real impacto da produção de informações sobre o trabalho da polícia.

Por este motivo, o presente estudo se propõe a identificar quais as informações sobre roubos reportadas à polícia no momento do registro da ocorrência e os problemas de preenchimento dos boletins, aspectos que podem afetar tanto o diagnóstico, quanto a investigação e esclarecimento dos crimes, impactando na capacidade de combate aos roubos em São Paulo. Partimos do pressuposto que a melhor forma de contribuir para o trabalho da polícia seria por meio do estímulo a ações voltadas ao aumento de sua capacidade de investigação e esclarecimento de crimes, o que pode ser feito através da proposição de melhorias no processo de registro das ocorrências, demonstrando quais informações precisam ser mais bem trabalhadas e os fatores que interferem nesse processo.

Somente uma análise adequada sobre o conteúdo dos boletins de ocorrência e a qualidade de seu preenchimento será capaz de demonstrar se as informações disponíveis são de fato capazes de produzir bons diagnósticos e se auxiliam na investigação. Nesse sentido, a verificação do tipo e qualidade das informações coletadas é de extrema relevância para que seja possível pensar em revisões no registro das ocorrências e consequente melhoria dos resultados obtidos.

2. Metodologia

Visando problematizar a falta de informação nos boletins de ocorrências e seu consequente impacto no trabalho policial, o presente estudo delimitou sete questões norteadoras a serem respondidas:

1. Quais são as informações apresentadas pelos boletins de ocorrência de roubo?
2. A análise dos boletins de ocorrência permite identificar as principais circunstâncias dos roubos?
3. É possível detectar problemas de preenchimento deste documento? Se sim, quais?
4. É possível estabelecer hipóteses que expliquem os problemas ou diferenças no preenchimento? (exemplo: características dos crimes, local de ocorrência, distrito responsável pelo registro, tipo de bem roubado, etc.).
5. Distritos policiais diferentes apresentam padrões de preenchimento diferentes?
6. Os boletins conseguem caracterizar de forma adequada o crime? Poderíamos dizer que são fonte confiável para a realização de diagnósticos e auxiliam no processo de investigação?
7. O tipo de informação apresentada nos boletins pode impactar no trabalho de investigação dos roubos?

Como resultado, esperamos verificar quais motivos podem estar impactando no baixo índice de investigação de roubos e de que forma a polícia poderia melhorar a confecção de seus registros, aumentando sua capacidade de produção de diagnósticos e compreensão do fenômeno dos roubos na capital.

Para a realização deste estudo, o primeiro item a ser tratado diz respeito à definição amostral dos boletins de ocorrência consultados. Sabemos que durante o ano de 2013 foram registrados no Município de São Paulo 177.239 casos de roubos (outros e veículos), sendo que em média cada distrito policial registrou 1.348 ocorrências de roubo (outros) e 544 de roubo de veículo.

Uma análise que tivesse por objetivo produzir um diagnóstico sobre as dinâmicas de roubo na capital deveria considerar a seleção de uma amostra de boletins capaz de produzir estimativas estatisticamente significantes sobre a dinâmica das ocorrências pelo território. Contudo, não faz parte dos objetivos desta pesquisa produzir um diagnóstico sobre os roubos na Capital, mas sim verificar a disponibilidade de informações e os fatores que interferem na qualidade dos registros, seja eles relacionados a características dos crimes ou ao distrito policial responsável pela confecção do registro. Desta forma, a amostra de boletins selecionada para esta pesquisa é apenas exemplificativa, numericamente restrita e composta por BOs de apenas dois distritos da capital. A opção por analisar BOs de duas localidades distintas decorreu da necessidade de serem comparados os desempenhos de locais com dinâmicas diferentes e

atendidos por equipes policiais diversas, fatores que consideramos terem impacto sobre o registro das informações.

Além disso, para que os resultados apurados pudessem ser considerados como exemplificativos da capital, os distritos selecionados deveriam apresentar um volume de ocorrências dentro da média da cidade, excluindo dessa forma os locais com incidências de roubo com características peculiares. Assim, ao olhar para locais com resultados ‘medianos’ resolvemos explorar referências que poderiam servir de parâmetro para a situação geral da capital, avaliando quais fatores relacionados ao registro da ocorrência poderiam ter impactado na continuidade do trabalho da polícia e em sua capacidade de produzir informações, independentemente de algum comportamento atípico que possa ter sido registrado no local analisado.

Um segundo item que também foi considerado durante a seleção dos distritos de referência diz respeito às dinâmicas territoriais desses locais. Sabemos que existem diferenças relevantes entre as regiões da cidade (se são áreas centrais ou periféricas, locais residenciais ou comerciais, com renda populacional mais elevada ou mais baixa, etc.) e isto tem impacto sobre a circulação de pessoas pelo território e no tipo de crime que mais incide nesses locais. Assumimos que para compreender os desafios da produção de informações e investigação dos roubos na capital, seria preciso que a amostra de ocorrências comparasse distritos com dinâmicas territoriais diferentes, capazes de exemplificar a diversidade da ocupação territorial do município.

Desta forma, foram selecionados o 6º DP – Cambuci e 48º DP – Cidade Dutra, distritos que registram ocorrências de roubo dentro da média de casos estimada para a capital e que abrangem bairros com características distintas, permitindo que sejam problematizados os impactos das dinâmicas de roubo sobre a produção de informações e capacidade de investigação dos crimes.

Finalmente, é preciso ressaltar que as análises realizadas contemplaram tanto os registros de roubo (outros) quanto os de roubo de veículo, já que entendemos que um dos fatores que poderiam afetar a qualidade dos registros seria o tipo de objeto subtraído, sendo possível que crimes que envolvam o roubo de bens de maior valor sejam tratados de forma diferenciada.

Outro aspecto considerado diz respeito ao recorte temporal das ocorrências consultadas. Sabemos que alguns crimes sofrem interferência de fatores sazonais e isto reflete no trabalho da polícia. Assim, achamos necessário considerar o total de ocorrências registradas durante um semestre, período abrangente o suficiente para que pudéssemos avaliar possíveis mudanças nas dinâmicas criminais dos locais analisados. O período ao qual tivemos acesso às informações são de julho a dezembro de 2013.

O resultado aponta um universo de ocorrências consultadas que compreende um total 1.634 boletins de ocorrência, 839 pertencentes ao Cambuci e 795 à Cidade Dutra.

Destes, 1.127 casos abordam casos de roubo (outros) e 507 de roubo de veículo. Todos os BOs pertencem ao segundo semestre de 2013 e representam a totalidade de registros de roubos nos distritos analisados no período de referência.

Uma vez definida a amostra, foi então solicitado à Polícia Civil de São Paulo acesso às cópias dos boletins de ocorrência para que as informações neles apresentadas pudessem ser compiladas em um banco de dados e seus conteúdos trabalhados de forma a responder as questões norteadoras dessa pesquisa. Todavia, não nos foi permitido ter acesso ao conteúdo completo dos registros de roubo, sendo disponibilizado à nossa equipe um arquivo Excel com os seguintes campos de informação:

- Distrito da ocorrência
- Distrito de elaboração do registro
- Número do BO
- Data da ocorrência
- Hora da ocorrência
- Autoria (conhecida ou desconhecida)
- Endereço da ocorrência
- Natureza da ocorrência
- Descrição do veículo ou objetos roubados
- Histórico da ocorrência

Como é possível observar, campos que tratam sobre a descrição do perfil de vítimas, autores e testemunhas não puderam ser acessados devido à necessidade de sigilo sobre a identidade das pessoas envolvidas nas ocorrências. Esse é um fator que limitou nossa capacidade de consideração sobre alguns conteúdos do boletim e isto foi levado em conta durante a realização da presente análise.

Dentre as informações disponibilizadas, os dados foram categorizados em quatro conjuntos de informação: um primeiro voltado às variáveis indicativas da ocorrência (como data e local), um segundo sobre o contexto do roubo (como situação da vítima e modo de atuação do autor), um terceiro voltado aos objetos roubados e, por fim, considerações sobre o perfil dos autores, vítimas e testemunhas quando estas foram citadas no histórico da ocorrência.

As variáveis indicativas da ocorrência e dos objetos roubados foram em sua maioria obtidas através da consideração do conteúdo de campos de preenchimento parametrizado do boletim, mas os demais dois conjuntos de informação (contexto do roubo e pessoas envolvidas) precisaram ser extraídos a partir das considerações apresentadas pelo histórico da ocorrência.

Em relação à identificação do contexto da ocorrência, a análise utilizou como parâmetro informações sobre quatro variáveis de interesse: a descrição sobre o emprego de armas

durante a prática delitiva, a disponibilidade de dados sobre a situação da vítima no momento em que esta foi abordada, a descrição do *modus operandi* do autor e o relato sobre o número de autores envolvidos na prática delituosa.

Para cada uma dessas variáveis, os dados apresentados no histórico da ocorrência foram classificados em categorias desenvolvidas especialmente para a realização desta pesquisa. Todas as categorias criadas tiveram como critério serem mutuamente exclusivas e coletivamente exaustivas, o que significa que cada boletim foi classificado em apenas um tipo de descrição e que coletivamente as classificações apresentadas permitiram especificar o maior número possível de dinâmicas criminais, de forma que qualquer tipo de situação com uma frequência estatisticamente significativa pudesse ser apresentada através de uma das classificações existentes.

Para a descrição sobre a presença de armas, as categorias utilizadas foram as seguintes:

- i. **Ameaça/simulação de arma de fogo:** quando a vítima de roubo afirmou que o autor do crime fez menção de estar portando uma arma de fogo ou que este simulou o porte de uma arma de fogo;
- ii. **Ameaça/simulação de arma branca:** quando a vítima de roubo afirmou que o autor do crime fez menção de estar portando uma arma branca (objetos perfuro-cortantes, contundentes ou corto-contundentes) ou que este simulou o porte de uma arma branca;
- iii. **Arma branca:** quando a vítima de roubo deixa claro que o autor do crime portava uma arma branca (objetos perfuro-cortantes, contundentes ou corto-contundentes);
- iv. **Arma de fogo ou simulacro:** quando a vítima de roubo deixa claro que o autor do crime portava uma arma de fogo, sendo considerada neste grupo a possibilidade de que o armamento em questão fosse um simulacro (já que na maior parte dos casos analisados a vítima não tem condições de afirmar com absoluta certeza que o instrumento empregado pelo autor do crime se tratava efetivamente de uma arma de fogo);
- v. **Não consta:** quando no BO é dito que a vítima sofreu grave ameaça, mas não há nenhuma outra informação sobre a utilização de algum meio para intimidação;
- vi. **Não sabe:** quando a vítima relata claramente no histórico do BO que não sabe informar se o criminoso estava armando durante a prática delituosa;
- vii. **Sem arma:** quando a vítima relata claramente que o crime foi cometido sem o uso de armas (casos de intimidação verbal, agressão e empurrões/puxões).

Quanto aos dados sobre a situação da vítima no momento do crime, oito categorias para classificação das informações foram utilizadas, quais sejam:

- i. **A pé:** indica que a vítima caminhava ou estava parada no passeio público no momento do roubo, dinâmica criminal que agrega a maior parte das ocorrências registradas como roubo a transeunte;
- ii. **Em frente à residência:** quando a vítima estava em frente à casa na qual vive ou em frente à casa de pessoas relacionadas (namorado, familiares, amigos, etc.);
- iii. **Interior de casa:** quando o crime aconteceu dentro da residência da vítima ou de pessoas relacionadas (namorado, familiares, amigos, etc.);
- iv. **Interior de estabelecimento:** quando crime ocorre em um estacionamento, loja, posto de gasolina, restaurante, etc.;
- v. **Não consta:** casos em que no boletim de ocorrência é dito apenas que “no local e hora dos fatos a vítima XXX foi abordada por (...)”, sem mais especificações;
- vi. **No veículo:** categoria que abrange as seguintes situações:
 - a. Veículo em movimento: quando a vítima é abordada enquanto transitava com seu veículo pela cidade, sofrendo uma fechada ou batida por parte de outro veículo ou ainda quando teve seu veículo cercado pelos autores do roubo;
 - b. Veículo estacionado: casos em que a vítima estava estacionando seu veículo ou no momento do embarque/desembarque dos passageiros. Nesses casos é relatado que o veículo estava desligado no momento da abordagem;
 - c. Veículo parado: casos em que a vítima estava com seu veículo em movimento pela via e que devido às condições do tráfego ou sinalização semafórica acaba parando e é abordado pelo autor do roubo;
- vii. **Transporte coletivo:** categoria que abrange as seguintes situações:
 - a. A pé no ponto de ônibus: quando a vítima foi abordada enquanto aguardava a chegada do ônibus;
 - b. Ao desembarcar do transporte coletivo: quando a vítima foi abordada logo após desembarcar do ônibus ou lotação/van;
 - c. Dentro do transporte coletivo: quando autor e vítima estavam no interior do transporte público no momento em que houve a abordagem;
 - d. Na estação de trem/metrô: quando a vítima se encontrava nas dependências da estação, bilheteria e arredores;
- viii. **Saída de banco:** são casos em que a vítima foi roubada após ter saído de uma agência bancária ou caixa eletrônico;
- ix. **Taxista:** quando a vítima de roubo era um taxista e o autor do roubo simulou ser um passageiro para conseguir efetuar o crime.

Já em relação aos dados sobre o *modus operandi* do autor do crime, sete classificações foram utilizadas:

- i. **A pé:** quando durante a abordagem da vítima ou na fuga do local do crime é dito que os criminosos fugiram a pé, não sendo relatado nenhum tipo de veículo;
- ii. **De bicicleta:** quando durante a abordagem ou fuga os criminosos utilizaram uma bicicleta;
- iii. **De carro:** indica situações nas quais os criminosos têm o apoio ou abordam a vítima com o uso de um carro;
- iv. **De moto:** situações nas quais os criminosos têm o apoio ou abordam a vítima com o uso de uma motocicleta;
- v. **Dentro do ônibus:** Quando autor e vítima estão dentro do transporte coletivo durante a abordagem;
- vi. **Não consta:** quando no histórico da ocorrência não há informações sobre abordagem, sendo apenas dito que após consumado o roubo os criminosos empreenderam fuga, sem mais informações;
- vii. **Outros:** casos específicos em que é dito que o criminoso simulou ser um passageiro de táxi para abordar o motorista, quando se passaram por funcionários da NET para entrar numa residência, ou outras situações peculiares.

Desta maneira, o trabalho teve como resultado uma análise sobre o perfil das ocorrências de roubo (outros) e roubo de veículos nos dois distritos já mencionados, conteúdo que é apresentado nos capítulos três e quatro do presente relatório.

Mais uma vez, é preciso lembrar que essa caracterização trata apenas de aspectos relevantes identificados nos dois distritos abrangidos por nossa amostra de ocorrências e que são dados que contribuem para o entendimento sobre o tipo de informação apresentada pelos boletins, não sendo possível fazer inferências sobre o perfil das ocorrências na cidade de São Paulo.

O interesse na realização de tal caracterização foi o de averiguar se o conteúdo dos boletins de ocorrência permitia a realização de diagnósticos mais precisos sobre a dinâmica dos crimes nesses locais e de que forma esses dados poderiam ser trabalhados para que pudéssemos ter mais informações sobre os roubos, auxiliando no desenvolvimento de ações de combate e prevenção ao crime.

Sabemos que definir o que é um boletim adequado e medir a qualidade dos registros oficiais de maneira objetiva é um desafio e que uma das formas de realizar este trabalho poderia ser através da simples mensuração da quantidade de informações apresentada no histórico da ocorrência, sendo avaliado o número de palavras ou letras inseridas no BO. Todavia, admitimos que a maneira mais adequada para aferir a qualidade dos registros de ocorrência é por meio da verificação do tipo de informação apresentada pelos BOs, observando se

conteúdos considerados como essenciais para a descrição de uma ocorrência são apresentados nos históricos.

Como o presente trabalho buscou estabelecer quais seriam as informações fundamentais a serem apresentadas pelos BOs, a identificação da frequência com que essas foram de fato encontradas na amostra analisada e de que forma permitiram a realização da análise de perfil constituiu uma etapa importante de pesquisa.

Desta forma, no capítulo cinco deste relatório é apresentada uma análise mais detalhada sobre a frequência com que algumas informações puderam ser identificadas nos registros de ocorrência. Ao todo, foram definidos cinco conjuntos de informação e, para cada um desses, destrinchamos uma lista de informações essenciais que indicam elementos importantes de um crime que devem estar presentes no registro de ocorrência. Como resultado, a lista de itens analisados é composta de seguinte forma:

A – Cenário da ocorrência e registro de prisão em flagrante

- a1 – Data da ocorrência
- a2 – Hora da ocorrência
- a3 – Local da ocorrência
- a4 – Existência de prisão em flagrante e contexto do flagrante
- a5 – Presença de câmera de segurança no local do crime

B – Contexto do roubo

- b1 – *Modus operandi* do criminoso
- b2 – Situação da vítima
- b3 – Indicação do uso de arma
- b4 – Número de autores do crime

C – Objetos roubados

- c1 – Indicação do tipo de objeto roubado
- c2 – Detalhamento das características dos objetos roubados

D – Perfil do criminoso

- d1 – Autoria conhecida ou desconhecida
- d2 – Capacidade de reconhecimento pelo declarante do BO do autor do crime
- d3 – Características físicas e das vestimentas dos autores

E – Perfil das vítimas e testemunhas

- e1 – Número de vítimas
- e2 – Características físicas das vítimas
- e3 – Indicador da existência de testemunhas
- e4 – Número de testemunhas

A seleção dessas variáveis decorreu da consideração de dois aspectos. O primeiro diz respeito ao trabalho realizado durante a caracterização do perfil das ocorrências de roubo (outros) e roubo de veículos, que revelou como algumas informações apresentadas pelo boletim, especialmente quanto ao contexto do crime e tipo de bem subtraído são de extrema relevância para o melhor entendimento da dinâmica criminal e, portanto, deveriam ser apresentadas nos registros. O segundo refere-se à verificação de aspectos que tem impacto sobre o trabalho de investigação da ocorrência, tais como a disponibilidade de informações sobre os autores, a presença de câmeras que possam ter registrado o crime ou a citação de testemunhas a serem ouvidas.

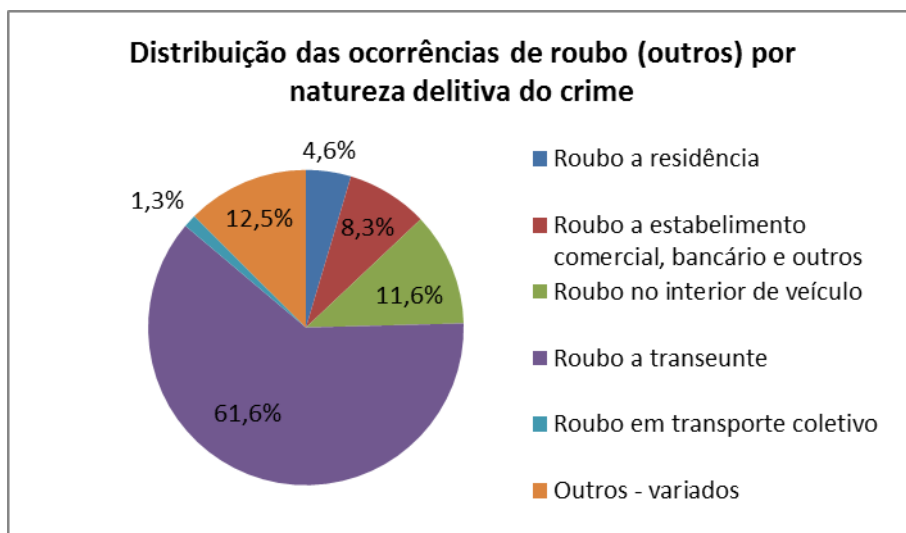
Como resultado, no sexto capítulo são apresentadas considerações sobre os principais achados da pesquisa e o quanto esses achados ajudam a responder às questões norteadoras deste estudo. Finalmente, no sétimo e último capítulo, são retomadas as principais implicações do atual formato dos boletins sobre o trabalho policial e são sugeridas algumas melhorias para o processo de registro das ocorrências, como a inclusão de algumas informações que se mostraram relevantes para a análise dos roubos.

3. Perfil das ocorrências de roubo (outros)

A realização de uma análise sobre o perfil dos roubos decorre de nosso entendimento sobre a necessidade de verificação da existência de dinâmicas criminais específicas nos distritos selecionados e do quanto os boletins de ocorrência podem contribuir para a identificação dessas características, constituindo uma importante fonte de informações.

Dentre os 1.634 boletins de ocorrência analisados durante a realização desta pesquisa, em 1.127 casos foi possível acessar informações sobre crimes de roubo (outros), 601 ocorridos dentro da área abrangida pelo 6º DP – Cambuci e 526 pelo 48º DP – Cidade Dutra.

O ‘roubo (outros)’ é uma categoria que agrupa o registro de ocorrências de roubo a transeuntes, comércio, banco, residências, em transporte coletivo, de cargas e outros casos, com exceção dos que dizem respeito ao roubo de veículos. Uma rápida avaliação sobre o universo de ocorrências estudado revela que a maior parte dos boletins de roubo (outros) trata sobre roubos a transeuntes, sendo a segunda situação mais recorrente os roubos variados (sem especificação da natureza).



Pelo que foi verificado, não há diferenças na distribuição dos tipos de ocorrência quando considerado o DP onde foi registrado o crime. Os resultados revelam que tanto para o Cambuci quanto para a Cidade Dutra a grande maioria dos casos faz referência a um roubo a transeunte, sendo menos frequente o registro de outras naturezas delituosas.

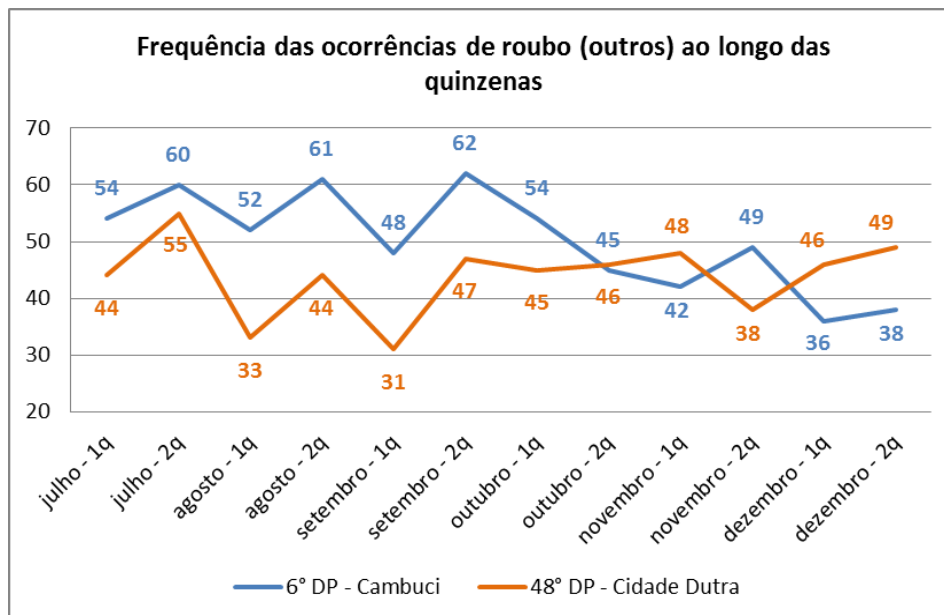
3.1. Análise Temporal

Quanto à distribuição temporal das ocorrências, a primeira informação que pôde ser identificada a partir da análise de dados diz respeito ao volume de casos registrados ao longo do segundo semestre de 2013. Foi verificado que ambos os distritos registraram um número médio quinzenal de ocorrências semelhante: 50 no 6° DP e 44 no 48° DP.

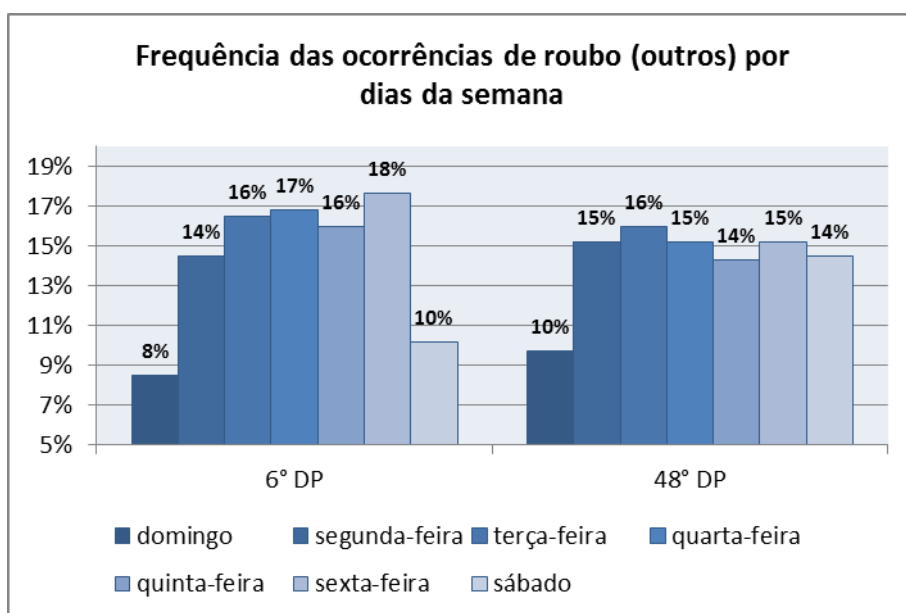
É preciso ressaltar, contudo, que essa semelhança entre a média de registros de roubos nos locais analisados decorre dos critérios adotados durante o processo de seleção dos distritos abrangidos pela pesquisa, momento em que privilegiamos DPs com um volume de roubos próximo ao valor médio de ocorrências da capital³. Por este motivo, para que pudéssemos compreender as diferenças na dinâmica criminal nos distritos do Cambuci e Cidade Dutra foi preciso considerar as informações sobre a tendência de incidência de roubos ao longo do segundo semestre de 2013.

Como resultado, foi verificado que no 6° DP – Cambuci houve uma redução do número de ocorrências ao longo do semestre, sendo que a partir da segunda quinzena de outubro houve uma diminuição da média quinzenal – que passou de 55 casos para 42. Já no distrito de Cidade Dutra o comportamento dos registros parece ser mais estável ao longo do tempo, não sendo possível identificar nenhuma oscilação importante que alerte para uma mudança na dinâmica de roubos nesse território dentro do período analisado.

³ Ver 'Metodologia'.

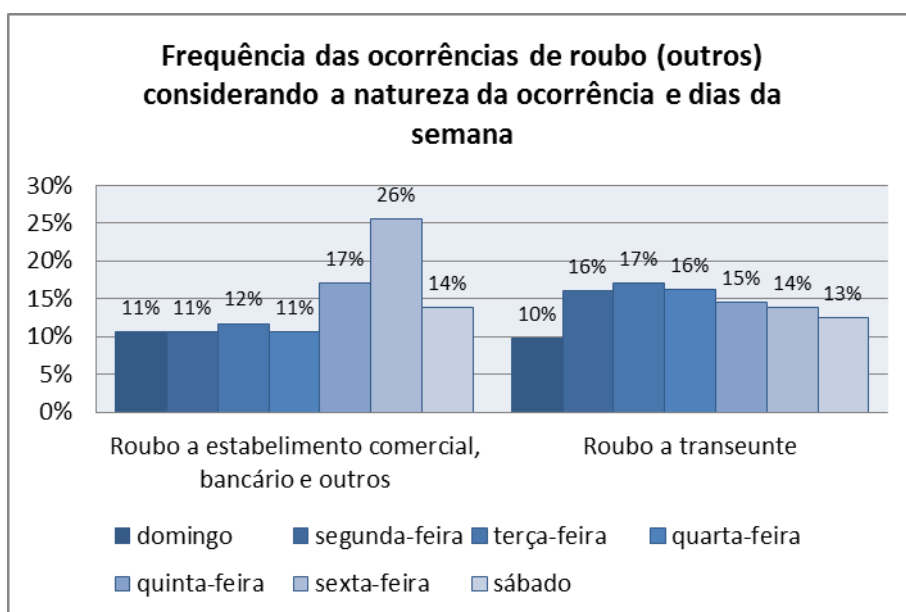


No caso da distribuição dos registros por dias da semana, a análise dos registros de ocorrência permitiu identificar uma concentração de roubos nos dias úteis (entre segunda e sexta-feira). Esse é um comportamento evidente no 6° DP – Cambuci, onde apenas 18% dos casos foram registrados aos finais de semana; já no 48° DP – Cidade Dutra, a distribuição das ocorrências parece mais homogênea ao longo da semana.

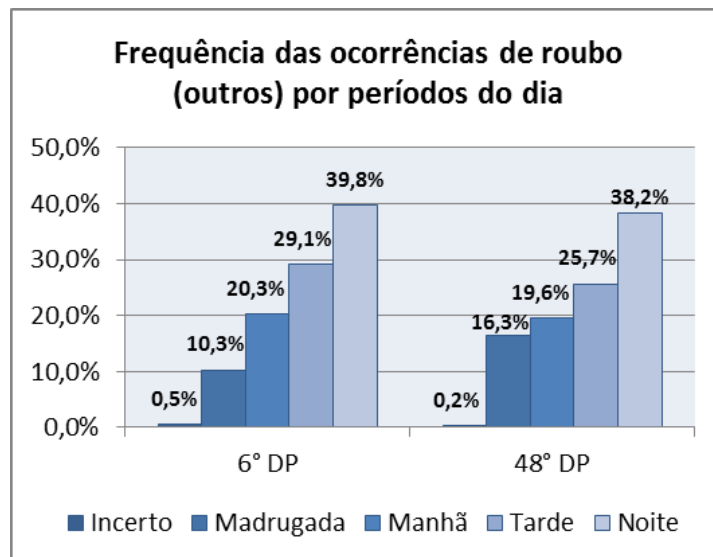


Mais uma vez, um olhar mais atento sobre os dados revelou que a dificuldade de identificação de um padrão diferenciado de incidência de roubos por dias da semana estava relacionada às características dos dados coletados, que abrangiam mais de uma natureza delitiva sob a nomenclatura roubos (outros).

Foi constatado que o motivo de parecer haver maior estabilidade na incidência dos roubos ao longo da semana decorria do fato de a maior parte dos casos ter como natureza um roubo a transeunte, natureza criminal que apresenta pouca variação quando considerada a distribuição semanal dos registros. Contudo, quando foram considerados os demais tipos de natureza de roubo, como aqueles cometidos a estabelecimentos comerciais, bancários e de outras finalidades que não a residencial, a distribuição das ocorrências se revelou mais instável, com uma maior incidência de crimes às quintas e sextas-feiras.



Em relação ao período do dia em que mais foram verificadas ocorrências de roubo, os dados demonstram que em ambos DPs aproximadamente 39% dos crimes foram registrados no período noturno (entre 18h e 24h). Também foi verificado um número significativo de ocorrências nos períodos da tarde (entre 12h e 18h) e manhã (entre 0h e 12h), o que permite inferir que os roubos tendem a aumentar no decorrer do dia, sendo o período noturno o momento em que estes atingem o pico de incidência.



Também em relação à distribuição dos roubos por períodos do dia foi verificado que, diferentemente do observado para a distribuição por dias da semana, não parece haver grande diferença entre os períodos de maior incidência quando são consideradas as naturezas da ocorrência. Em geral, independentemente se são roubos a transeuntes, estabelecimentos comerciais, bancários ou de outras naturezas, permanece o maior registro de casos no período noturno.

3.2. Contexto do roubo

Para a realização da análise sobre o contexto do roubo, o presente estudo utilizou como principal referência as informações disponíveis no histórico do BO e buscou extrair de seu conteúdo quatro tipos de dados: a descrição sobre o emprego de armas durante a prática delitiva, a disponibilidade de dados sobre a situação da vítima no momento em que esta foi abordada, a descrição do *modus operandi* do autor e o relato sobre o número de autores envolvidos na prática delituosa.

Como resultado, foi possível verificar que a maioria das ocorrências de roubo (outros) analisadas relata o emprego de armas de fogo ou simulacro⁴, independentemente do distrito em que o crime aconteceu. Já em relação ao emprego de armas brancas, esta foi uma categoria mais recorrente no 6° DP – Cambuci, ao passo que no 48° DP – Cidade Dutra houve mais casos em que a vítima relatou não saber se o criminoso estava armado.

⁴ Apenas em seis BOs dos 651 classificados como 'Arma de Fogo ou Simulacro' foi relatado que de fato o objeto utilizado durante a prática do roubo era um simulacro.

Tabela 1 - Frequência das ocorrências de roubo (outros) segundo relatos sobre a presença de armas e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Arma de Fogo ou simulacro	52,6%	(316)	63,7%	(335)	57,8%	(651)
Não consta	17,8%	(107)	12,4%	(65)	15,3%	(172)
Ameaça ou simulação de arma de fogo	15,1%	(91)	14,1%	(74)	14,6%	(165)
Arma branca	9,3%	(56)	3,2%	(17)	6,5%	(73)
Sem arma	4,3%	(26)	3,2%	(17)	3,8%	(43)
Não sabe	0,3%	(2)	3,4%	(18)	1,8%	(20)
Ameaça ou simulação de arma branca	0,5%	(3)	0,0%	(0)	0,3%	(3)
TOTAL	100,0%	(601)	100,0%	(526)	100,0%	(1.127)

Em relação à descrição sobre a situação da vítima no momento da abordagem pelo criminoso, a análise das informações do histórico da ocorrência revelou que em um número significativo de registros não é possível identificar essa informação – 27,5%. Nos casos em que algum dado está disponível, o relato mais frequente foi o roubo a pessoas a pé, cerca de 23,4% do universo de boletins de ocorrência acessado. Esse é um resultado esperado, já que havíamos verificado um significativo número de registros que apontam para a ocorrência de um roubo a transeunte, sendo comum o relato de que a vítima caminhava quando foi abordada, sem mais informações.

Tabela 2 – Frequência das ocorrências de roubo (outros) segundo situação da vítima no momento do roubo e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Não consta	24,8%	(149)	30,6%	(161)	27,5%	(310)
A pé	24,8%	(149)	21,9%	(115)	23,4%	(264)
No veículo	20,8%	(125)	11,0%	(58)	16,2%	(183)
Interior de estabelecimento	9,2%	(55)	8,9%	(47)	9,1%	(102)
Transporte coletivo	5,7%	(34)	8,4%	(44)	6,9%	(78)
Saída de banco	6,8%	(41)	5,5%	(29)	6,2%	(70)
Em frente à residência	3,3%	(20)	7,4%	(39)	5,2%	(59)
Interior de casa	3,8%	(23)	6,3%	(33)	5,0%	(56)
Taxista	0,8%	(5)	0,0%	(0)	0,4%	(5)
TOTAL	100,0%	(601)	100,0%	(526)	100,0%	(1.127)

Comparando a situação dos dois distritos, verificou-se que no 6° DP – Cambuci é mais comum que ocorram roubos quando a vítima está no veículo, especialmente em situações em que os veículos estão parados no trânsito – 98 de 125 boletins de roubos em que a vítima estava no veículo. Já no 48° DP – Cidade Dutra é mais comum identificar casos em que a vítima estava em frente à residência ou no interior de uma casa no momento da abordagem ou ainda situações em que a vítima estava aguardando o transporte público quando foi abordada por criminosos.

É provável que isto ocorra porque o distrito do Cambuci fica localizado numa região mais central da cidade, onde o fluxo de pessoas é maior e, por isso, apresenta um maior número de relatos sobre crimes em que o autor do roubo quebra o vidro de carros parados no trânsito para subtrair objetos. No caso do 48° DP, a situação identificada parece dialogar mais com o fato de esse distrito abranger uma área mais residencial, onde as vítimas são abordadas em situações cotidianas (ao sair para o trabalho ou quando estão retornando às suas residências).

Tabela 3 – Frequência das ocorrências de roubo (outros) segundo situação da vítima abordada no veículo e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Veículo em movimento	7,2%	(9)	20,7%	(12)	11,5%	(21)
Veículo estacionado	14,4%	(18)	65,5%	(38)	30,6%	(56)
Veículo parado	78,4%	(98)	13,8%	(8)	57,9%	(106)
No veículo	100,0%	(125)	100,0%	(58)	100,0%	(183)

Quando são consideradas conjuntamente as informações sobre a situação da vítima no momento do roubo e a presença de armas verifica-se que o uso de armas de fogo permanece majoritário em todas as categorias analisadas. Contudo, percebe-se que em situações onde a vítima estava a pé durante a abordagem ou no transporte coletivo a incidência de utilização de armas de fogo é inferior a 50% dos casos, havendo aumento dos relatos sobre o emprego de armas brancas e crimes cometidos sem o uso de armas.

Tabela 4 - Situação da vítima no momento do roubo segundo o tipo de armamento utilizado

	A pé	Em frente residência	Interior de casa	Interior estabelec.	No veículo	Transporte Coletivo	Saída de Banco
Arma de fogo ou simulacro	43,9%	55,9%	75,0%	71,6%	70,5%	43,6%	68,6%
Não consta	16,7%	22,0%	16,1%	11,8%	8,7%	17,9%	15,7%
Ameaça ou simulação de arma de fogo	21,2%	15,3%	1,8%	13,7%	12,6%	15,4%	11,4%
Arma branca	9,5%	3,4%	5,4%	2,9%	4,4%	14,1%	0,0%
Sem arma	7,6%	1,7%	1,8%	0,0%	2,7%	6,4%	2,9%
Não sabe	1,1%	1,7%	0,0%	0,0%	1,1%	1,3%	1,4%
Ameaça ou simulação de arma branca	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	0,0%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Também chama atenção nos casos em que a vítima estava a pé no momento da abordagem o número de ocorrências em que o criminoso apenas fez ameaças ou simulou estar armado (21,2% dos registros). Quando o crime foi cometido sem o emprego de armas verificou-se que após a intimidação da vítima, alguém se apodera da bolsa ou dos objetos alvo da ação criminosa e sai correndo. Em geral, tanto nos roubos a vítimas a pé quanto nos efetuados no transporte coletivo, há maior presença de armas brancas, crimes cometidos sem o emprego de armas e ações que se restringem a ameaças ou simulações de porte de arma, fatores que deixam claro as diferenças na dinâmica criminal conforme o tipo de situação da vítima no momento da abordagem.

Outra constatação que ajuda a evidenciar essas diferenças diz respeito aos dados sobre abordagens feitas a pessoas no interior de casa, interior de estabelecimento ou no veículo, onde se verifica uma maior incidência de armas de fogo (superando 70% dos casos). É possível que isto tenha relação com algum tipo de avaliação de risco feita pelo autor do roubo nos casos em que o bem a ser subtraído seja de maior valor.

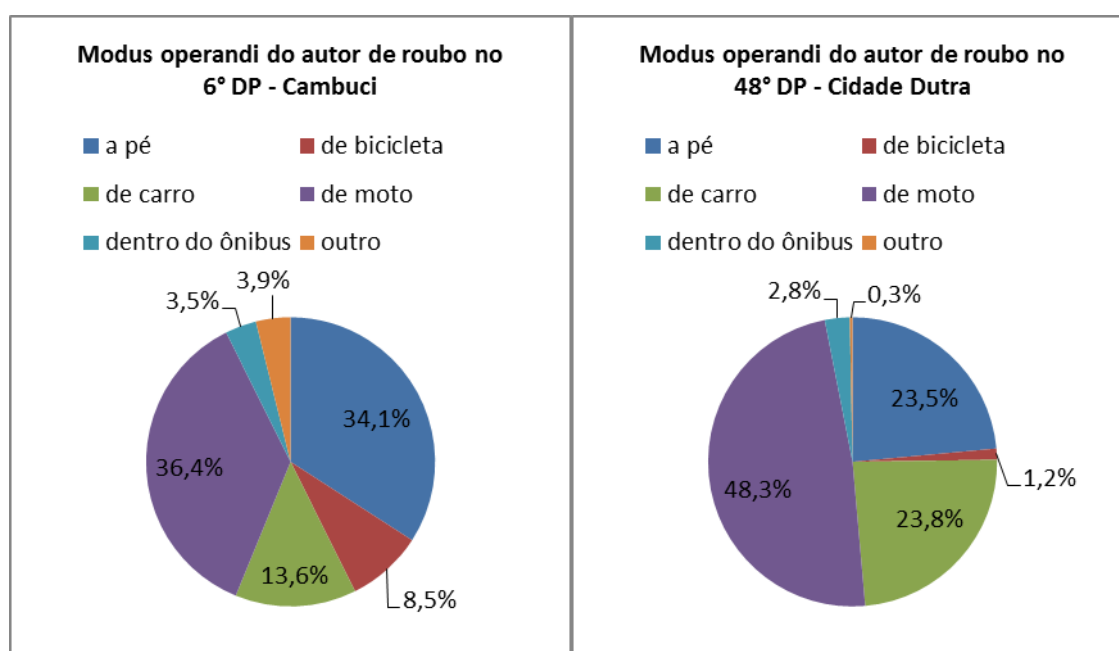
A análise sobre a situação da vítima em relação ao tipo de armamento utilizado na abordagem não apresenta diferenças significativas quando considerado o distrito de ocorrência do crime. Mais uma vez, os dados revelam que a existência de dinâmicas criminais específicas está muito mais ligada à relação 'situação de vítima e uso de armas' do que ao distrito onde são registradas tais ocorrências. O que fica evidente é que alguns tipos de abordagem são feitas apenas por criminosos portando armas de fogo enquanto outras (mais rápidas e com menor risco para o autor) utilizam outros meios de intimidação.

Em relação ao *modus operandi* do autor, a análise dos dados do histórico revelou uma situação preocupante: 48,4% dos boletins de ocorrência não apresentam nenhum tipo de informação sobre esse dado, sendo que no 6° DP – Cambuci a situação é ainda mais grave (57,1% dos boletins não têm informações sobre o *modus operandi* do autor).

Tabela 5 – Frequência das ocorrências de roubo (outros) segundo *modus operandi* do autor e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Não consta	57,1%	(343)	38,6%	(203)	48,4%	(546)
De moto	15,6%	(94)	29,7%	(156)	22,2%	(250)
A pé	14,6%	(88)	14,4%	(76)	14,6%	(164)
De carro	5,8%	(35)	14,6%	(77)	9,9%	(112)
De bicicleta	3,7%	(22)	0,8%	(4)	2,3%	(26)
Dentro do ônibus	1,5%	(9)	1,7%	(9)	1,6%	(18)
Outro	1,7%	(10)	0,2%	(1)	1,0%	(11)
TOTAL	100,0%	(601)	100,0%	(526)	100,0%	(1.127)

Quando a informação é apresentada, no 6° DP destacam-se os casos em que o autor do roubo estava a pé ou de moto. Já no 48° DP, cerca de metade dos boletins que descrevem a situação do autor durante a prática do roubo alegam que ele estava numa moto, enquanto que a participação de autores a pé ou de carro permanece em 23% dos registros, como revelam os gráficos abaixo.



De forma geral, relatos de que a abordagem foi feita por pessoas em uma moto são recorrentes. Contudo, quando os dados sobre o *modus operandi* do autor de roubo são separados levando-se em consideração a situação da vítima no momento da abordagem percebe-se diferenças na dinâmica criminal.

Nas situações em que a vítima estava a pé quando foi roubada são mais comuns os roubos cometidos por pessoas que também estavam a pé. Quando a vítima foi abordada no interior de uma casa ou em um estabelecimento comercial, destacam-se as abordagens feitas por criminosos de carro (algo que talvez tenha relação com a necessidade de fuga levando os objetos subtraídos). Por fim, nas abordagens em que a vítima saía de um banco, em 62,9% dos casos os autores do roubo estavam em uma moto.

Tabela 6 - Situação da vítima no momento do roubo (coluna) segundo o *modus operandi* do autor (linha)

	A pé	Em frente residência	Interior de casa	Interior estabelec.	Não consta	No veículo	Transporte coletivo	Saída de banco
A pé	21,2%	20,3%	3,6%	11,8%	9,7%	14,8%	24,4%	8,6%
De bicicleta	5,3%	0,0%	0,0%	1,0%	2,6%	0,5%	2,6%	0,0%
De carro	8,0%	8,5%	28,6%	16,7%	7,4%	10,9%	10,3%	2,9%
De moto	22,7%	35,6%	1,8%	4,9%	25,8%	17,5%	9,0%	62,9%
Dentro do ônibus	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	23,1%	0,0%
Não consta	42,8%	35,6%	55,4%	65,7%	54,5%	56,3%	30,8%	25,7%
Outro	0,0%	0,0%	10,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

No caso dos dados referentes aos roubos relacionados ao transporte coletivo, verificou-se que em apenas 23,1% das ocorrências o crime ocorreu de fato no interior de um ônibus. Como a classificação 'transporte coletivo' engloba relatos de crimes cometidos a indivíduos em pontos de ônibus ou nas bilheterias e dependências das estações de trem/metrô, verificou-se também grande presença de autores a pé no momento da abordagem.

Outro aspecto identificado é que pessoas em veículos em movimento costumam ser abordadas por criminosos de carro, já as pessoas em veículos parados em decorrência do trânsito ou da sinalização semafórica são mais abordadas por pessoas a pé.

Tabela 7 - Situação das vítimas abordadas no veículo (linha) segundo o *modus operandi* do autor (coluna)

	A pé	De bicicleta	De carro	De moto	Não consta	TOTAL
Veículo em movimento	14,3%	0,0%	33,3%	19,0%	33,3%	100,0%
Veículo estacionado	10,7%	1,8%	19,6%	23,2%	44,6%	100,0%
Veículo parado	17,0%	0,0%	1,9%	14,2%	67,0%	100,0%
No Veículo	14,8%	0,5%	10,9%	17,5%	56,3%	100,0%

A combinação *modus operandi* do autor de roubo *versus* a situação da vítima no momento da abordagem não revela alterações significativas quando são comparados os resultados por distritos policiais. A única diferença observada diz respeito aos dados sobre vítimas que estavam no veículo quando foram abordadas por criminosos, sendo mais frequente no 6º DP registros em que não constam informações sobre o *modus operandi* do autor.

Novamente, a análise parece apontar para a existência de dinâmicas específicas que se mantém independentemente do local analisado. Exemplos: as abordagens feitas por pessoas a pé a transeuntes e que utilizam como meio de intimidação ameaças ou uso de armas brancas; as abordagens feitas a pessoas no interior de residências ou estabelecimentos comerciais onde o autor do crime dispõe de uma arma de fogo e de um veículo para fuga, geralmente um carro; as abordagens a pessoas que estão saindo do banco, normalmente feitas por criminosos em uma moto e que possuem uma arma de fogo; etc. As combinações desses três fatores (presença de armas, situação de vítima e *modus operandi* do autor) não parecem variar, o que muda é a incidência de uma determinada natureza de roubo a depender das características urbanísticas e populacionais do local analisado.

Outro dado que merece ser olhado com atenção diz respeito ao número de autores citados nos crimes de roubo. O padrão identificado ao longo da análise dos 1.127 boletins aponta para a presença de até dois autores – cerca de 80% dos registros citam um ou dois autores.

Relatos imprecisos sobre o número de autores envolvidos no roubo também foram considerados (exemplo: mais de um, mais de dois, entre um e três, etc.). Em geral, cerca de 5% dos registros analisados contém dados imprecisos sobre o número de autores ou não contém nenhuma informação sobre esses, porém, mais uma vez, no 6º DP verifica-se um maior número de casos em que as informações são imprecisas ou faltantes.

Tabela 8 – Frequência das ocorrências de roubo (outros) segundo número de autores de roubo citados no boletim e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
1	39,8%	(239)	23,8%	(125)	32,3%	(364)
2	40,9%	(246)	54,2%	(285)	47,1%	(531)
3	6,8%	(41)	12,2%	(64)	9,3%	(105)
4	3,0%	(18)	5,1%	(27)	4,0%	(45)
5	1,7%	(10)	1,3%	(7)	1,5%	(17)
6	0,3%	(2)	0,0%	(0)	0,2%	(2)
7	0,2%	(1)	0,4%	(2)	0,3%	(3)
8	0,0%	(0)	0,2%	(1)	0,1%	(1)
12	0,2%	(1)	0,0%	(0)	0,1%	(1)
15	0,0%	(0)	0,2%	(1)	0,1%	(1)
Dados imprecisos	6,8%	(41)	2,1%	(11)	4,6%	(52)
Não consta	0,3%	(2)	0,6%	(3)	0,4%	(5)
TOTAL	100,0%	(601)	100,0%	(526)	100,0%	(1.127)

Como esperado, crimes cometidos por pessoas a pé ou de bicicleta são em geral consumados por um único autor; quando os crimes decorrem de abordagens feitas por pessoas em uma moto, em 66,8% dos casos há dois autores; já os crimes cometidos por pessoas em um carro costumam ter dois ou mais autores.

Sobre esse aspecto, uma consideração precisa ser feita: a complementaridade dos achados de cada uma das variáveis analisadas. O que verificamos é que no 6° DP há um maior número de casos que narram a presença de um único autor, dado que vai de encontro às demais características já identificadas para esse distrito: maior número de roubos a vítimas a pé, cometidos também por pessoas a pé e que não necessariamente empregam armas de fogo durante a abordagem ou roubos a veículos parados no trânsito, cometidos por pessoas a pé que quebram os vidros do veículo para subtrair objetos de seu interior. Já no 48° DP há mais crimes que envolvem dois ou três autores, o que também dialoga com o maior número de roubos cometidos no interior de casas ou em frente à residência por pessoas em carros ou motos e que portavam armas de fogo.

A forte relação entre as variáveis apresentadas demonstra a relevância dos dados e sua capacidade explicativa perante as dinâmicas criminais de roubo. Como já alertado, é nítida a existência de diferenças na incidência criminal entre os distritos analisados, fator decorrente das características urbanísticas e populacionais de tais localidades, contudo, a análise conjunta das quatro variáveis de contexto demonstra que há algumas dinâmicas criminais recorrentes. Esse é um achado importante já que tais dinâmicas podem ser representativas do formato de

atuação dos autores de roubo na capital, constituindo um relevante subsídio para o entendimento desse fenômeno e desenvolvimento de ações voltadas à redução dos roubos em São Paulo.

Por fim, um aspecto importante também identificado diz respeito à recorrente ausência de informação nos boletins do 6º DP, um fator extremamente relevante e que tem impacto sobre a capacidade descritiva das ocorrências de roubo nesse território. A tabela abaixo releva que dentre as quatro variáveis selecionadas para avaliar o contexto do roubo, em três o 6º DP continha menos informações para identificação das características do crime que o 48º DP.

Tabela 9 - Percentual de boletins de ocorrência que não apresentou informações sobre uma das variáveis analisadas

	6º DP	48º DP
Sem informação sobre a presença de armas	17,8%	12,4%
Sem informação sobre a situação da vítima	24,8%	30,6%
Sem informação sobre o <i>modus operandi</i> do autor	57,1%	38,6%
Sem informação precisa sobre o número de autores	7,2%	2,7%

Esse é um fator que pode ter duas explicações: uma diferença no perfil da equipe responsável pelo preenchimento dos boletins em cada DP com consequente impacto sobre a qualidade dos registros ou uma dificuldade em identificação de algumas características decorrente da própria dinâmica criminal, que no caso do 6º DP envolve mais roubos a pessoas a pé e a indivíduos em veículos parados no trânsito, ou seja, abordagens mais rápidas. É preciso que sejam avaliadas mais informações para que possamos dizer com certeza qual o impacto de cada um desses fatores, todavia,

3.3. Outros dados sobre o contexto do roubo

Em 43 ocorrências de roubo (outros) foi verificado que a vítima em questão era um entregador. Destes, 38 registros pertenciam ao 48° DP – Cidade Dutra e apenas 5 eram do 6° DP – Cambuci. Em geral, o histórico da ocorrência aponta para a existência de uma dinâmica muito específica, onde um indivíduo está a trabalho no momento da abordagem, sendo o responsável pela entrega de uma carga de alto valor. Ele então é abordado por criminosos que demonstram claro interesse pela mercadoria transportada, abandonando o veículo responsável pela entrega logo após subtraírem os produtos de seu interior.

É comum que os autores de roubos efetuados a entregadores tenham à disposição um veículo (carro ou moto), atuem em grupos de duas ou mais pessoas e estejam portando armas de fogo. No 48° DP, dos 38 casos analisados, em 17 ocorrências a vítima em questão era um entregador dos correios e em 10 o entregador sofreu um sequestro relâmpago. Quando há um sequestro relâmpago os criminosos se apossam do veículo com as mercadorias, mantêm o entregador em seu poder e se deslocam até um local isolado onde é feita a retirada da mercadoria. Depois disso, a vítima é abandonada em outro local junto ao veículo de entrega.

Como no 6° DP só foram verificadas cinco ocorrências de roubos a entregadores, em nenhum dos casos a vítima trabalhava para os correios e só houve sequestro relâmpago em uma ocorrência, não nos parece que esta seja uma dinâmica relevante no Cambuci. Contudo, a análise dos registros do 48° DP deixa claro que este foi um problema recorrente no distrito de Cidade Dutra, sendo algo que merece ser visto com maior atenção.

Em relação aos registros de crimes cometidos a pessoas que estavam saindo do banco, a análise da variável situação da vítima permitiu identificar 70 ocorrências dessa natureza, 29 casos no 48° DP e 41 no 6° DP. Como é possível notar, a maior parte dos registros pertence ao 6° DP – Cambuci, onde, além dos casos supracitados, foi possível identificar seis outras ocorrências de roubo com dinâmicas criminais semelhantes.

Em dois desses casos foi relatado que a vítima estava indo ao banco efetuar um depósito ou pagamento de alto valor quando foi abordada por criminosos que portavam armas de fogo e exigiam a quantia de dinheiro em posse da vítima. Outros dois registros tratavam sobre pessoas que haviam acabado de sair de uma casa de câmbio quando foram abordadas por pessoas armadas que exigiram o repasse da quantia retirada pela vítima. Também foi verificada a existência de dois roubos a agências bancárias.

Deste modo, a análise revela que no 6° DP é mais recorrente que agências bancárias e outras instituições financeiras sejam alvo de ações criminosas, sendo mais comum a presença de grupos especializados nesse tipo de abordagem.

Outro tipo de crime identificado durante a leitura dos boletins de ocorrência foi o roubo a construção civil. Ao todo foram 10 casos, nove pertencentes ao 6º DP e um ao 48º DP. Nesses casos o responsável pela obra (uma espécie de zelador ou vigia do local) é abordado por criminosos armados (mais de um) durante o período noturno ou no horário do almoço. Os autores do roubo levam ferramentas e materiais da obra.

Como mais casos de roubo a construção civil foram identificados no Cambuci, é possível que isto indique duas situações: a existência de uma quadrilha especializada nesse tipo de ocorrência atuando no território do 6º DP e um maior número de obras em andamento nesta região. Acreditamos que essas duas características sejam complementares.

Por fim, uma última especificidade encontrada quando comparados os registros de roubos entre os dois distritos analisados diz respeito às características do roubo a residência. No 6º DP existem relatos de ocorrências em que o autor do delito invade a casa munido de uma faca e efetua o roubo. Também foram verificados casos em que a vítima só percebe a presença do autor quando ele já está no interior da residência subtraindo objetos, não tendo havido nenhuma abordagem inicial à vítima. Já no 48º DP observamos mais casos em que a vítima é abordada no momento em que está entrando ou saindo de sua residência, geralmente por criminosos armados que estão em um veículo.

Essas são características importantes e podem estar relacionadas tanto ao tipo de moradia existente em cada um dos locais analisados (se são espaços mais fáceis de ser invadidos, se estão localizados em áreas mais residenciais, etc.) quanto ao formato de atuação dos grupos criminosos. No caso do 48º DP notamos maior recorrência na narrativa de roubos cometidos por criminosos (cerca de três) em um automóvel que abordavam as vítimas quando estas chegam em casa ao final do dia. Sabemos que o 48º DP abrange uma área mais residencial, em que as pessoas têm rotinas de deslocamento de ida e volta ao trabalho. É provável que isto seja um fator que tenha “contribuído” para a especialização do tipo de abordagem feita pelos criminosos, que passaram a privilegiar a entrada na casa junto à vítima.

3.4. Análise dos objetos roubados

Dentre os 1.127 boletins de roubo (outros) analisados foi possível identificar uma significativa variedade de objetos listados como alvo da ação criminosa. Contudo, entre os itens citados na descrição dos objetos roubados chama atenção a recorrência com que foram mencionados celulares, documentos, cartões e objetos como bolsas, mochilas e valises. No caso dos celulares, essa presença chega a 64% dos roubos no 6º DP e 58% no 48º DP, o maior percentual identificado. No caso dos celulares, eles foram o objeto de 64% dos roubos do 6º DP e 58% dos roubos do 48º DP. Trata-se do maior percentual para ambos os distritos.

Tabela 10 - Frequência das ocorrências de roubo (outros) segundo tipo de item roubado e DP de registro

Objetos Roubados	6º DP – 601		48º DP – 526		TOTAL – 1.127	
	Roubos	%	Roubos	%	Roubos	%
Celulares	385	64%	307	58%	692	61%
Dinheiro	291	48%	259	49%	550	49%
Outros documentos	256	43%	284	54%	540	48%
RG & CNH	252	42%	262	50%	514	46%
Cartões de C/D & Cheques	220	37%	227	43%	447	40%
Outros objetos	176	29%	200	38%	376	33%
Bolsas, mochilas & valises	102	17%	85	16%	187	17%
Relógio de pulso	50	8%	31	6%	81	7%
Carteira	41	7%	36	7%	77	7%
Computador	31	5%	36	7%	67	6%
Ipad/Tablet	18	3%	9	2%	27	2%
Óculos	16	3%	7	1%	23	2%
GPS	10	2%	5	1%	15	1%

A tabela acima permite verificar que para alguns objetos a frequência de roubos é bem semelhante nos dois distritos. Esse é o caso do roubo de bolsas, mochilas e valises, que acontece em cerca de 16%-17% dos casos, assim como o roubo de carteiras (7% dos casos).

As diferenças são maiores apenas para o roubo de documentos, cartões de crédito/débito, cheques e RG/CNH, havendo maior frequência desses itens nos registros do 48º DP. Já os roubos de celulares são mais frequentes no 6º DP, sendo que das 207 ocorrências o único objeto roubado foi um celular, 143 casos pertenciam ao distrito do Cambuci.

Em relação ao roubo de dinheiro em espécie, o volume de casos em que foi registrado esse tipo de ocorrência é semelhante nos dois distritos analisados: 48%-49%.

As diferenças aparecem quando são consideradas as quantias de dinheiro roubadas, já que no 6º DP a média dos valores subtraídos é superior a dos registros do 48º DP: foram R\$ 1.480,80 no Cambuci e R\$ 1.266,50 na Cidade Dutra.

Tabela 11 - Total de dinheiro subtraído e valor médio roubado segundo DP de registro do roubo

	6º DP	48º DP	TOTAL
Valor total roubado	R\$ 430.916,0	R\$ 328.035,0	R\$ 758.951,0
Média	R\$ 1.480,8	R\$ 1.266,5	R\$ 1.379,9

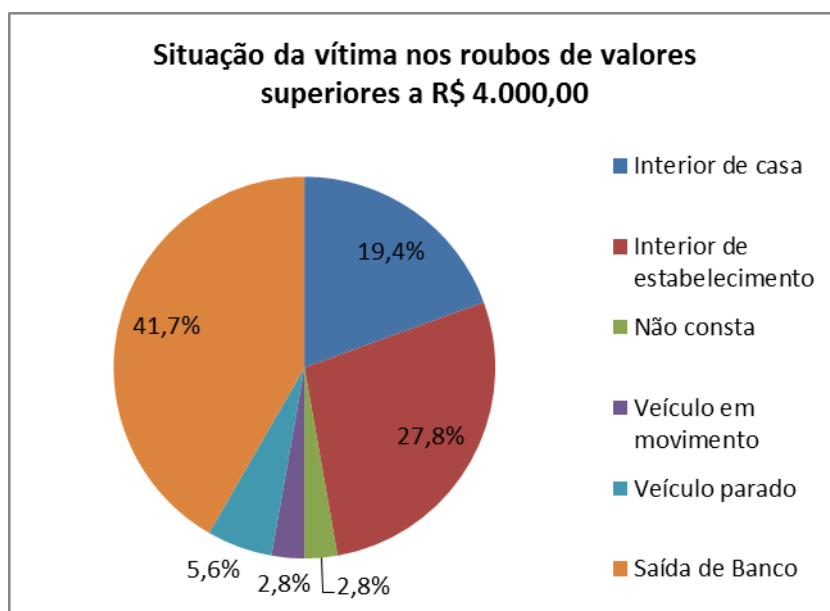
Apesar de a quantia média estimada para o roubo de dinheiro ser elevada, a análise dos 550 boletins de ocorrência que registraram esse tipo de roubo revela que em 56% dos casos o valor subtraído foi de até R\$ 200,00. Em 79 registros (14% dos casos) o valor roubado foi de no até R\$ 20,00.

Tabela 12 - Quantia (em reais) roubada por DP de registro da ocorrência

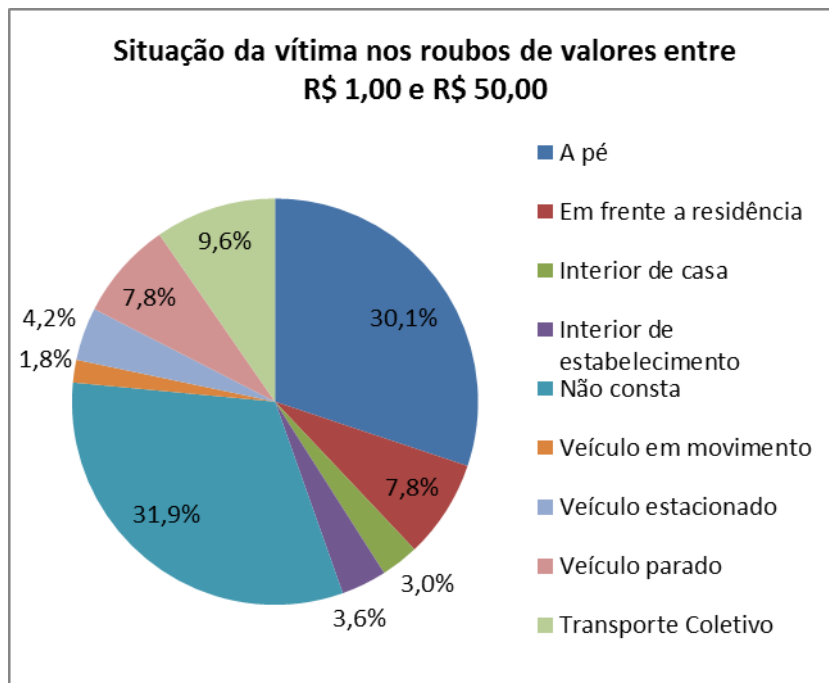
	6º DP	48º DP	TOTAL
Entre 1 e 20 reais	36	43	79
Entre 21 e 50 reais	41	46	87
Entre 50 e 100 reais	44	30	74
Entre 101 e 200 reais	34	32	66
Entre 201 e 300 reais	24	23	47
Entre 301 e 400 reais	13	13	26
Entre 401 e 500 reais	7	14	21
Entre 501 e 600 reais	6	4	10
Entre 601 e 700 reais	7	6	13
Entre 701 e 800 reais	3	3	6
Entre 801 e 900 reais	2	5	7
Entre 901 e 1.000 reais	6	3	9
Entre 1.001 e 2.000 reais	16	17	33
Entre 2.001 e 3.000 reais	14	11	25
Entre 3.001 e 4.000 reais	8	3	11
Acima de 4.000 reais	30	6	36
TOTAL	291	259	550

A tabela acima evidencia que o fato de o 6º DP registrar uma média de valores subtraídos superior a do 48º DP decorre do fato desse distrito ter um maior número de ocorrências em que mais de R\$ 4.000,00 foram roubados. Fora isso, a frequência com que determinados valores são subtraídos é semelhante nos dois locais analisados.

Olhando especificamente para os casos em que houve roubo de valores superiores a R\$ 4.000,00, identificamos que em 41,7% a vítima estava saindo do banco quando foi abordada e em 27,8% dos casos a vítima estava no interior de um estabelecimento.



Já em relação aos roubos de valores até R\$ 50,00, foi verificado que a maior parte das vítimas estava a pé ou não havia informação suficiente no boletim para identificação da situação da vítima – 30,1% e 31,9%, respectivamente. Também é possível identificar uma sobre representação dos casos de roubos relacionados ao transporte coletivo – 9,6% dos casos.



A característica do roubo de pequenos valores (inferiores a R\$ 50,00) não apresenta diferenças quando comparados os resultados dois distritos analisados. Outro ponto a ser lembrado é que também a consideração sobre o *modus operandi* do autor nessas situações não apresentou resultados diferentes dos já relatados quando analisado o contexto da ocorrência: roubos de valores mais elevados (acima de R\$ 4.000,00) são cometidos por pessoas em uma moto e roubos de valores menores (inferiores a R\$ 50,00) não apresentam informações sobre a atuação dos autores, resultados que dialogam com o fato de no primeiro caso estamos tratando de roubos a pessoas saindo do banco e no segundo de roubos a pessoas a pé.

Como alertado, esse é um resultado que reitera as características já discutidas na seção anterior e que, mais uma vez, permite verificar a coerência dos dados obtidos através desta análise sobre a existência de um padrão de atuação criminosa no território da capital. Desta forma, podemos afirmar que apesar das diferenças de incidência de crimes pelo território (decorrente das características específicas de cada região), há de fato algumas dinâmicas criminais que mantêm um conjunto de características que possibilitam a identificação de um padrão de ocorrência, o que colabora para uma melhor compreensão da dinâmica dos roubos (outros) em São Paulo.

4. Perfil das ocorrências de roubo de veículo

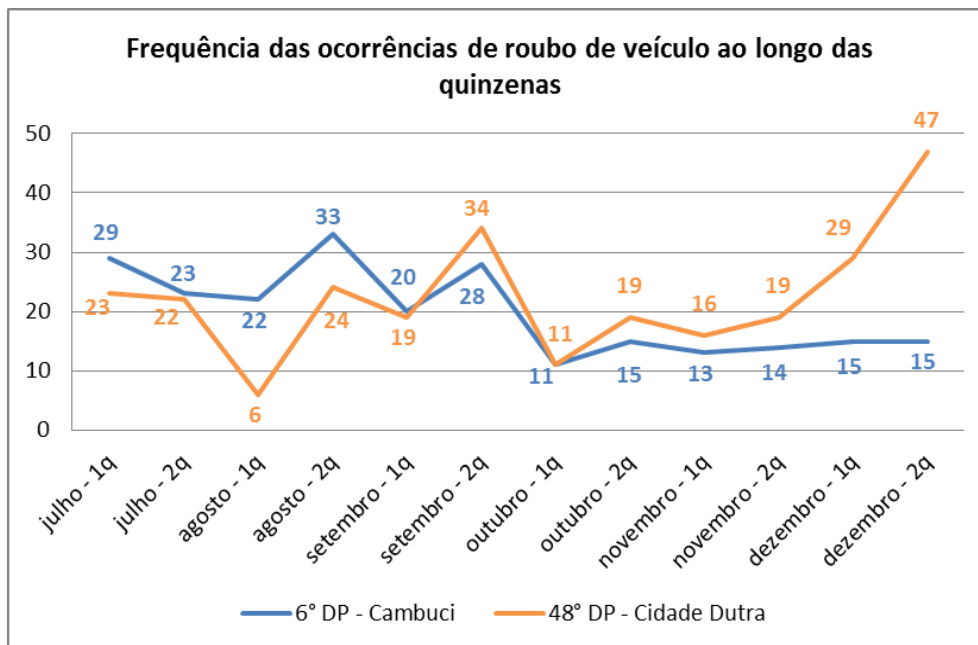
Quanto à análise das características dos roubos de veículos, a presente pesquisa utilizou como referência as informações apresentadas em 507 boletins de ocorrência, 238 pertencentes ao 6° DP – Cambuci e 269 ao 48° DP – Cidade Dutra.

Assim como feito durante a análise dos roubos (outros), foram avaliadas a distribuição temporal dos crimes, o contexto da ocorrência e as características dos objetos roubados, aspectos que permitiram identificar algumas dinâmicas criminais dos distritos do Cambuci e Cidade Dutra.

4.1. Análise Temporal

O primeiro resultado obtido sobre as características do crime de roubo de veículo diz respeito à média quinzenal de ocorrências. Foi verificado que em ambos os distritos analisados o volume de registros é semelhante: 20 casos a cada quinze dias no 6° DP e 22 no 48° DP. Contudo, mais uma vez é preciso notar que essa semelhança entre os distritos decorre das escolhas metodológicas desta pesquisa, que privilegiou a análise de locais com volume de casos próximos à média de roubos da capital.

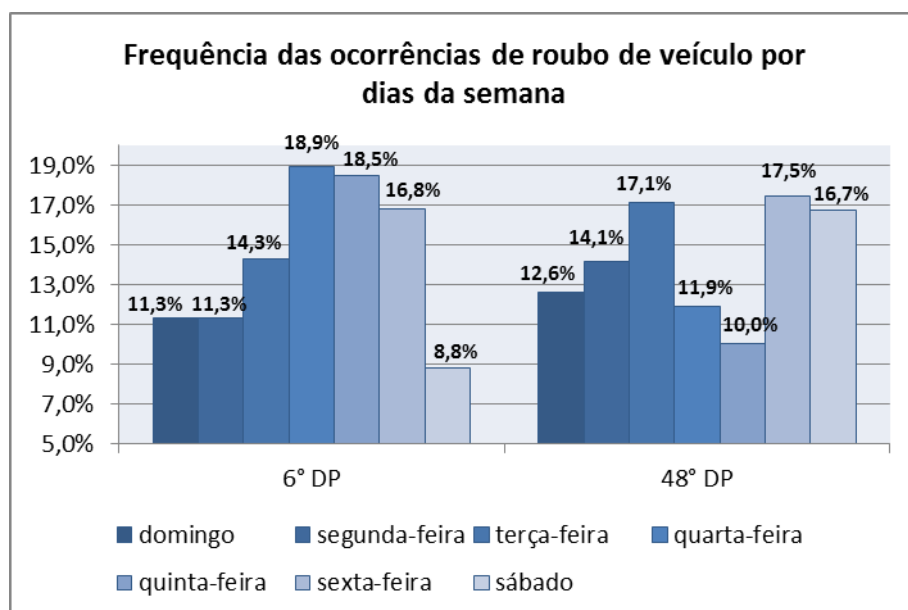
Em relação aos dados obtidos durante a análise de tendência, estes revelaram a existência de comportamentos diversos nos distritos de referência. Enquanto no 6° DP foi possível observar a partir da primeira quinzena de outubro uma estabilização no número de registros de roubos de veículos (que reduziu a média de ocorrências de 26 para 14 casos quinzenais), no 48° DP no mesmo período teve início de um crescimento contínuo do número de registros, atingindo o patamar de 47 roubos de veículos na segunda quinzena de dezembro de 2013.



Esse é um resultado atípico. É preciso lembrar que nesse mesmo período o distrito de Cidade Dutra registrou 49 ocorrências de roubo (outros), o que significa que durante a segunda quinzena de dezembro ambos os registros de roubos (outros e de veículos) tiveram um número semelhante de ocorrências, situação que foge do padrão identificado para a Capital⁵. Por este motivo, pareceu-nos necessário verificar se alguma das variáveis analisadas ao longo desta pesquisa poderia ajudar a explicar o incremento dos roubos de veículos no 48° DP, algo que justificasse os resultados apurados. Esse é um tema que será explorado nas próximas seções.

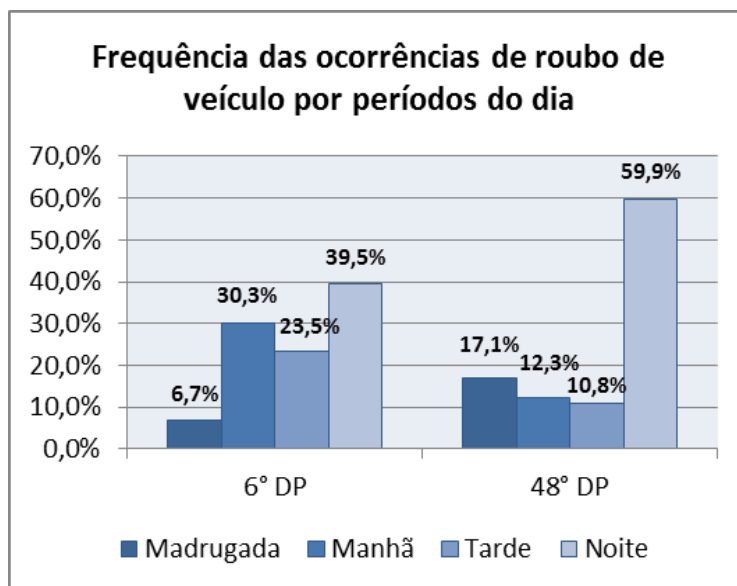
Quanto à distribuição dos registros por dias da semana, a análise dos boletins de ocorrência permitiu identificar que os roubos de veículos estão mais distribuídos entre os dias, não sendo possível observar um padrão de incidência dos crimes. No 6° DP foi verificado um maior pico de ocorrências nas quartas, quintas e sextas, enquanto que no 48° DP a distribuição parece mais aleatória, com picos nas terças e sextas.

⁵ Os registros mensais de roubos (outros) na cidade de São Paulo são em geral três vezes maiores que o registro de roubos de veículos. Se considerarmos os dados verificados desde janeiro de 2011 na Capital, a proporção de roubos de veículos frente ao total de registros de roubos (outros + veículos) se mantém entre 21% e 31% dos casos.



Diferentemente do observado para os casos de roubos (outros), nos roubos de veículo não são abrangidas mais de uma natureza criminal, algo que poderia justificar a existência de tais variações na incidência de crimes entre os dias da semana. Por esta razão, acreditamos que características dos próprios distritos (como o contexto em que são efetuadas as abordagens) podem ter impacto sobre a incidência de roubo de veículos entre os dias da semana, aspecto que será melhor analisado na próxima seção.

Já em relação ao período do dia em que mais foram verificadas ocorrências de roubo de veículo, os dados revelam que a maioria dos crimes ocorre à noite (entre 18h e 24h). Todavia, enquanto no 48° DP essa incidência é de 59,5%, no 6° DP o registro de crimes no período noturno, apesar de significativo, permanece em 39,5%. Além disso, no Cambuci o número de casos de roubo nos períodos da manhã (entre 6h e 12h), tarde (entre 12h e 18h) e noite (entre 18h e 24h) é mais próximo, o que indica que nesse distrito as ocorrências são mais distribuídas ao longo do dia.



É possível que esta diferença na distribuição das ocorrências decorra das dinâmicas populacionais dos distritos analisados. No Cambuci, região mais central da cidade, há maior circulação de pessoas ao longo do dia, o que provavelmente tem impacto direto na maior dispersão dos roubos entre os períodos da manhã, tarde e noite. Já na Cidade Dutra, um distrito mais residencial, há nítida concentração dos roubos no período noturno, justamente aquele em que aumenta a circulação de pessoas que estão retornando para casa depois de um dia de trabalho.

4.2. Contexto do roubo de veículo

Os dados sobre a presença de armas durante a prática delitiva revelam que na maior parte das ocorrências há relatos sobre o emprego de armas de fogo ou simulacros. A situação é bem semelhante nos dois distritos avaliados, com mais de 86% dos registros de roubo de veículo narrando o uso de armas de fogo ou simulacros⁶ pelos autores e 6,7% relatando a ocorrência de ameaças ou simulação do uso de armas.

⁶ Apenas em cinco BOs dos 439 classificados como 'Arma de Fogo ou Simulacro' foi relatado que de fato o objeto utilizado durante a prática do roubo era um simulacro.

Tabela 13 - Frequência das ocorrências de roubo de veículo segundo relatos sobre a presença de armas e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Arma de Fogo ou simulacro	86,1%	(205)	87,0%	(234)	86,6%	(439)
Ameaça ou simulação de arma de fogo	6,7%	(16)	6,7%	(18)	6,7%	(34)
Não consta	5,9%	(14)	5,9%	(16)	5,9%	(30)
Arma branca	0,8%	(2)	0,0%	(0)	0,4%	(2)
Não sabe	0,0%	(0)	0,4%	(1)	0,2%	(1)
Sem arma	0,4%	(1)	0,0%	(0)	0,2%	(1)
TOTAL	100,0%	(238)	100,0%	(269)	100,0%	(507)

É preciso ressaltar, contudo, que enquanto nos roubos (outros) cerca de 60% dos registros descrevem o emprego de armas de fogo, nos roubos de veículos o valor chega a 87% dos casos. Essa é uma situação que reitera os achados da análise dos boletins de roubo (outros), já que havíamos identificado que o emprego de armas de fogo é mais recorrente em crimes onde o objeto subtraído possui maior valor.

Quanto à descrição sobre a situação da vítima no momento da abordagem pelo criminoso, a análise das informações do histórico da ocorrência revelou que na maior parte dos casos a abordagem é feita quando a vítima está estacionando o veículo, ao entrar ou sair dele. Esse é um resultado mais evidente no 6° DP, onde 40,3% dos roubos de veículo tem essa característica. Já no 48° DP a maioria dos roubos acontece quando o veículo está em movimento, sendo a vítima abordada durante uma fechada, batida, etc.

Tabela 14 - Frequência das ocorrências de roubo de veículo segundo situação da vítima no momento do roubo e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Veículo estacionado	40,3%	(96)	19,7%	(53)	29,4%	(149)
Em frente à residência	15,5%	(37)	18,6%	(50)	17,2%	(87)
Veículo em movimento	7,6%	(18)	24,2%	(65)	16,4%	(83)
Não consta	17,6%	(42)	13,8%	(37)	15,6%	(79)
Interior de casa	2,5%	(6)	12,3%	(33)	7,7%	(39)
Veículo parado	5,9%	(14)	8,6%	(23)	7,3%	(37)
Interior de estabelecimento	10,1%	(24)	3,0%	(8)	6,3%	(32)
Saída de banco	0,4%	(1)	0,0%	(0)	0,2%	(1)
TOTAL	100,0%	(238)	100,0%	(269)	100,0%	(507)

Outro aspecto que também foi verificado no 6º DP diz respeito à incidência de roubos ocorridos no interior de um estabelecimento: foram 24 ocorrências (10,1% dos casos) sendo que destas, 17 (70,8% dos roubos a estabelecimentos) tratavam sobre crimes em estacionamentos.

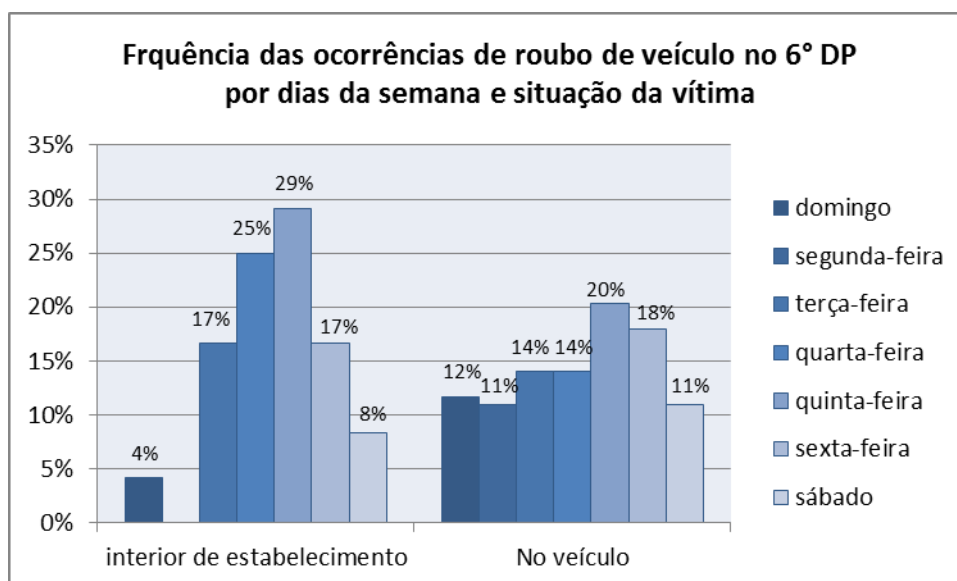
Como já relatado, o distrito do Cambuci fica em uma região mais central da cidade, onde circula um maior número de pessoas. Essa característica talvez justifique a existência de um maior número de estacionamentos na região e, conseqüentemente, maior frequência de roubos a esses estabelecimentos.

Já em relação ao 48º DP – Cidade Dutra, foi identificada uma maior recorrência de roubos de veículo em que a vítima é abordada no interior de uma residência, geralmente entrando ou saindo da garagem. Mais uma vez, parece que o resultado identificado dialoga com a realidade do local analisado – Cidade Dutra é uma região mais residencial e isto parece ter relação direta com o tipo de abordagem utilizada nos roubos de veículos.

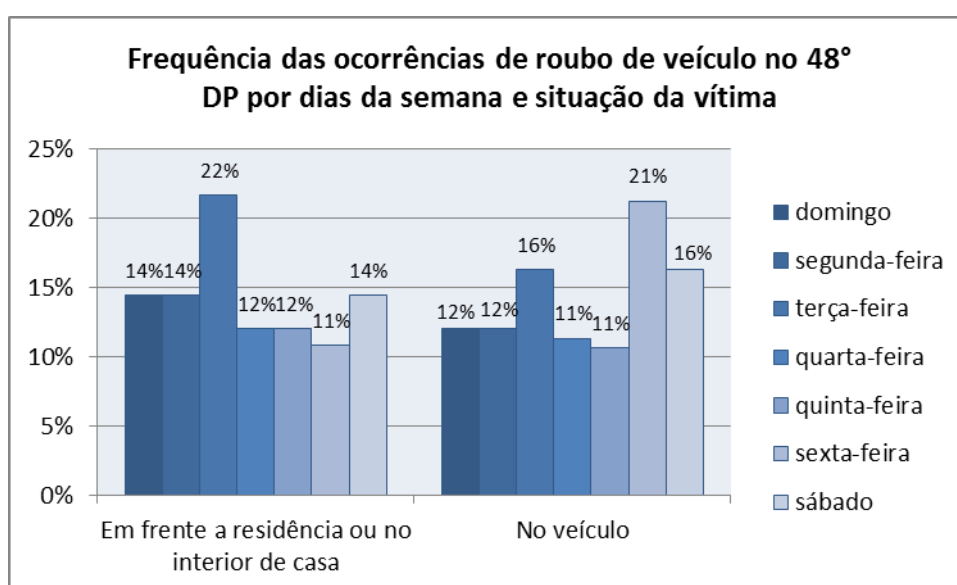
Quanto à situação da vítima no momento em que esta é abordada, o cruzamento desses dados com a descrição sobre o emprego de armas durante a prática delituosa não revelou novidades. O uso de armas de fogo é majoritário nas ocorrências de roubo de veículo e isto não se altera quando são considerados os tipos de abordagem.

A variável situação da vítima só parece sofrer alterações quando são avaliadas as distribuições dos registros considerando os dias da semana em que foram feitas as abordagens. Como é possível observar, no 6º DP há mais casos de roubos cometidos em estabelecimentos comerciais e esse tipo de crime tende a ocorrer nas quartas e quintas-feiras, sendo nítida a concentração dos casos nos dias úteis. Já nos roubos cometidos enquanto a vítima está transitando com seu veículo⁷, a incidência de crimes é maior nas quintas e sextas, sendo a distribuição mais estável nos demais dias.

⁷ Aqui foram consideradas as categorias ‘veículo em movimento’, ‘veículo estacionado’ e ‘veículo parado’.



No 48° DP a distribuição dos registros por dias da semana é diferente do identificado para o 6° DP. Na Cidade Dutra há mais casos de roubo em que a vítima foi abordada enquanto estava em frente a uma residência ou no interior de casa e, nesses casos, o crime acontece majoritariamente nas terças-feiras. Nos registros de roubo do 48° DP em que é dito que a vítima estava transitando com o veículo no momento da abordagem⁸, verificou-se maior incidência de roubos nas sextas e sábados.



⁸ Idem nota anterior.

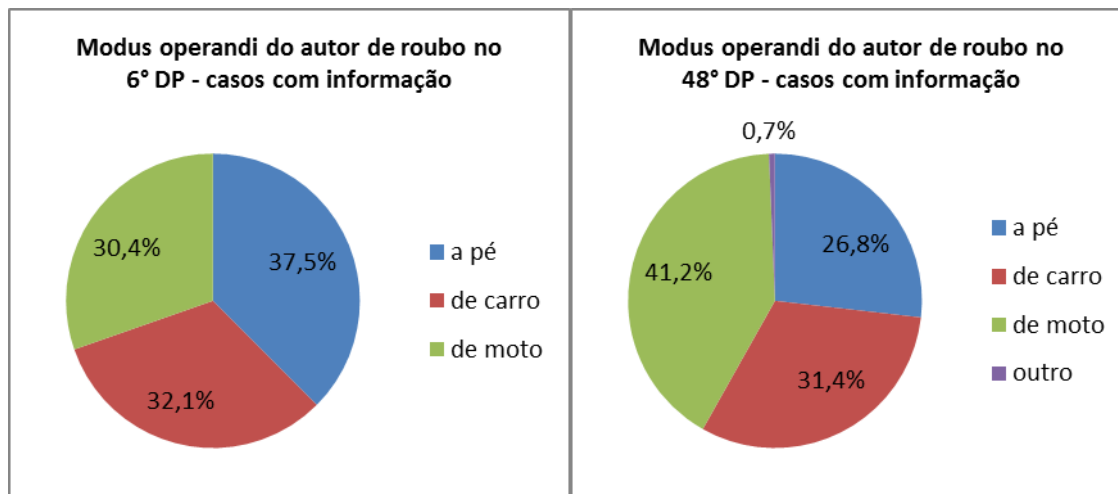
Esses resultados permitem inferir que é comum que no período mais próximo ao final de semana (quintas, sextas e sábados) ocorram os roubos a vítimas que estavam transitando com o veículo no momento da abordagem, sendo este um resultado verificado em ambos os distritos analisados. Já nos casos de roubo de veículo cuja incidência é específica em um determinado distrito (como os roubos cometidos no interior de estabelecimentos comerciais no 6° DP e os consumados em residências no 48° DP), a distribuição dos casos entre os dias da semana segue uma lógica própria, que provavelmente dialoga com dinâmicas territoriais de locais (como a rotina dos moradores e os períodos de funcionamento dos estabelecimentos).

Em relação ao *modus operandi* do autor do roubo, os dados revelam uma situação muito grave: mais da metade dos registros de roubo de veículo não apresentam informações suficientes para a identificação do modo de atuação do autor. No 6° DP essa situação é ainda pior, já que 76,5% de boletins de ocorrência não contém esse tipo de dado.

Tabela 15 - Frequência das ocorrências de roubo de veículo segundo *modus operandi* do autor e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Não consta	76,5%	(182)	43,1%	(116)	58,8%	(298)
De moto	7,1%	(17)	23,4%	(63)	15,8%	(80)
De carro	7,6%	(18)	17,8%	(48)	13,0%	(66)
A pé	8,8%	(21)	15,2%	(41)	12,2%	(62)
Outro	0,0%	(0)	0,4%	(1)	0,2%	(1)
TOTAL	100,0%	(238)	100,0%	(269)	100,0%	(507)

Quando há informação disponível, no Cambuci prevalecem os roubos cometidos por pessoas a pé, sendo que o volume de registros que trata sobre autores de moto, de carro e a pé é semelhante. Já no 48° DP – Cidade Dutra há mais casos que relatam que o autor estava de moto – 41,2% dos roubos de veículos que continham informação sobre o *modus operandi*.



De forma geral, abordagens feitas quando a vítima estava em frente a uma residência são em sua maioria realizadas por pessoas a pé. Já nos casos em que o roubo ocorre no interior de uma residência, aumenta a participação das abordagens por pessoas de carro. Esse segundo resultado talvez seja um reflexo do tipo de dinâmica da abordagem, já que tratam de ocorrências em que a vítima estava na garagem de casa quando foi interpelada pelos criminosos, que em alguns casos aproveitam a oportunidade para efetuar também um roubo a residência.

Também o fato de no 48º DP haver mais relatos de abordagens feitas por pessoas numa moto dialoga diretamente com o fato de a maior parte dos casos narrarem que a vítima estava com o veículo em movimento quando foi interpelada pelos criminosos. Em geral, a moto impede a passagem do veículo e então é feita a abordagem criminosa.

Tabela 16 - Situação da vítima no momento do roubo (coluna) segundo o *modus operandi* do autor (linha)

	Em frente a residência	Interior de casa	Interior de estabelec.	Veículo em movimento	Veículo estacionado	Veículo parado
Não consta	56,3%	64,1%	71,9%	22,9%	77,9%	29,7%
A pé	17,2%	5,1%	9,4%	7,2%	10,7%	24,3%
De carro	13,8%	25,6%	12,5%	24,1%	8,1%	8,1%
De moto	12,6%	5,1%	3,1%	45,8%	3,4%	37,8%
Outro	0,0%	0,0%	3,1%	0,0%	0,0%	0,0%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A combinação *modus operandi* do autor de roubo *versus* a situação da vítima no momento da abordagem não revela alterações significativas quando são comparados os resultados por distritos policiais. A única mudança identificada diz respeito aos casos em que a vítima estava

em um veículo em movimento, sendo que no 6° DP foi verificado que muitas abordagens são feitas por pessoas em um carro. Aparentemente, não há uma explicação para tal mudança no formato das abordagens, mas talvez isto tenha relação com o perfil da frota de automóveis que circula em cada uma das regiões ou ao maior percentual de boletins com informações faltantes no 6° DP.

Tabela 17 - Modus operandi do autor quando a vítima estava em um veículo em movimento

	A pé	De carro	De moto	Não consta	TOTAL
Veículo em movimento - 6° DP	5,6%	27,8%	22,2%	44,4%	100,0%
Veículo em movimento - 48° DP	7,7%	23,1%	52,3%	16,9%	100,0%

Como resultado, temos que para os boletins de roubo de veículo é mais difícil identificar combinações de dinâmicas semelhantes para os dois locais. O que se verifica é o constante diálogo entre a realidade de cada local (questões sobre a ocupação do território e circulação de pessoas) com a incidência de crimes nos distritos. Além disso, a ausência de informação sobre o modo de atuação dos criminosos e o fato de a maior parte dos roubos ter como meio o emprego de armas de fogo dificultou a realização de cruzamentos entre as variáveis, tornando mais difícil a identificação de especificidades sobre a dinâmica criminal.

Quanto ao número de autores citados nos crimes de roubo de veículo, o padrão identificado é ligeiramente diferente do já retratado para os roubos (outros). A análise dos 507 boletins aponta para a maior presença de dois autores (49,9% dos casos), sendo que a média identificada para o 6° DP é de 1,8 autores por roubo e de 2,4 no 48° DP. Mais uma vez, é possível verificar que no distrito do Cambuci há maior recorrência de casos em que há apenas um autor, enquanto na Cidade Dutra há mais casos com dois ou três autores.

Tabela 18 - Frequência das ocorrências de roubo de veículo segundo número de autores de roubo citados no boletim e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
1	40,8%	(97)	8,9%	(24)	23,9%	(121)
2	40,3%	(96)	58,4%	(157)	49,9%	(253)
3	7,1%	(17)	17,1%	(46)	12,4%	(63)
4	5,5%	(13)	7,8%	(21)	6,7%	(34)
5	2,1%	(5)	3,0%	(8)	2,6%	(13)
6	0,0%	(0)	0,4%	(1)	0,2%	(1)
Dados imprecisos	3,8%	(9)	4,1%	(11)	3,9%	(20)
Não consta	0,4%	(1)	0,4%	(1)	0,4%	(2)
TOTAL	100,0%	(238)	100,0%	(269)	100,0%	(507)

Relatos imprecisos sobre o número de autores envolvidos no roubo também foram considerados, mas eles representam apenas 4,3% do universo de análise. No que diz respeito à combinação das informações apresentadas pela variável '*modus operandi* do autor' e 'número de autores', o presente estudo identificou que em 76,3% das ocorrências de roubos em que o autor estava em uma moto o crime foi cometido por duas pessoas. Já nos roubos em que o autor estava em um carro, em 59,1% havia três ou mais pessoas envolvidas no crime.

Tabela 19 - Número de autores de roubo citados no boletim de ocorrência por *modus operandi*

	a pé	de carro	de moto
1	17,7%	4,5%	0,0%
2	61,3%	30,3%	76,3%
3	12,9%	34,8%	3,8%
4	4,8%	19,7%	7,5%
5	3,2%	4,5%	5,0%
6	0,0%	0,0%	1,3%
Dados imprecisos	0,0%	6,1%	5,0%
Não consta	0,0%	0,0%	1,3%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

Apesar de os resultados apurados para os roubos de veículos não parecerem tão relacionados quanto os identificados para os roubos (outros), um leitor mais atento poderá verificar que muitos dos achados sobre este segundo grupo de ocorrências são complementares aos aspectos discutidos na caracterização dos roubos (outros). Ao todo, cinco aspectos sobressaem:

1. Armas de fogo são empregadas em casos mais complexos, onde o objeto a ser subtraído tem maior valor;
2. Roubos cometidos em estabelecimentos comerciais seguem uma distribuição temporal diferente dos demais casos, com um pico de registros às quintas-feiras;
3. Informações sobre o modo de atuação do autor são escassas em todos os registros, o que dificulta a caracterização do contexto do crime;
4. Em geral roubos são cometidos por duas pessoas, porém esse número varia conforme a complexidade do crime;
5. Crimes cometidos por pessoas em uma moto geralmente envolvem uma dupla de autores.

A semelhança dos achados e a forte relação das variáveis apresentadas reiteram a relevância dos dados e sua capacidade explicativa perante as dinâmicas criminais de roubo. A combinação das variáveis que tratam do emprego de armas durante a prática delitiva, a disponibilidade de dados sobre a situação da vítima no momento em que esta foi abordada, a descrição do modus operandi do autor e o relato sobre o número de autores envolvidos na prática delituosa além das considerações sobre as características populacionais e urbanísticas dos distritos de fato consegue ser explicativa do contexto das ocorrências e, por este motivo, é fundamental para o planejamento de ações preventivas e repressivas.

Entretanto, o grande problema identificado durante a realização desta análise permanece sendo a recorrente ausência de informações sobre o contexto dos roubos, especialmente nos boletins pertencentes ao 6º DP – Cambuci.

Tabela 20 - Percentual de boletins de ocorrência que não apresentou informações sobre uma das variáveis analisadas

	6º DP	48º DP
Sem informação sobre a presença de armas	5,9%	5,9%
Sem informação sobre a situação da vítima	17,6%	13,8%
Sem informação sobre o modus operandi do autor	76,5%	43,1%
Sem informação precisa sobre o número de autores	4,2%	4,5%

Já havíamos alertado sobre essa questão durante a análise dos registros de roubos (outros) e a ausência de informações nos registros do distrito do Cambuci é algo que precisa ser avaliado com cuidado. Em três das quatro variáveis trabalhadas o tipo de informação apresentada pelo 6º DP foi menos precisa que as do 48º DP e os resultados indicam que, das duas hipóteses anteriormente cogitadas⁹, é mais plausível que os problemas de informação no 6º DP tenham relação com o perfil da equipe responsável pelo preenchimento dos boletins.

Este é um aspecto importante, que tem impacto não só sobre a realização deste diagnóstico, mas que também reflete sobre a capacidade de investigação de tais ocorrências, dificultando a identificação de possíveis padrões e grupos criminosos que possam estar atuando no território.

⁹ A primeira refere-se à possibilidade de que diferenças no perfil da equipe responsável pelo preenchimento dos boletins teria impacto sobre a qualidade da informação registrada e a segunda supõe que isto também poderia ter relação com diferenças na dinâmica criminal dos distritos.

4.3. Outros dados sobre o contexto do roubo de veículo

Como os boletins do 6° DP apresentaram um elevado percentual de informações faltantes, foi mais difícil identificar características sobre as dinâmicas criminais no Cambuci. Todavia, entre os 507 boletins de roubo de veículo analisados foi observada a presença de 17 ocorrências que envolveram, além do roubo, o sequestro relâmpago da vítima e um caso em que houve uma tentativa de sequestro relâmpago, porém a vítima conseguiu fugir. Todos esses registros pertenciam ao 48° DP.

O fato de outras dinâmicas terem sido identificadas no distrito de Cidade Dutra dialoga com a presença de mais informações nos boletins de ocorrência desse local, mas também é preciso ressaltar que o resultado aponta para a existência de uma modalidade criminal específica nesse distrito: o roubo associado ao sequestro relâmpago.

Outra característica identificada com maior recorrência nos crimes no 48° DP foram os casos em que os autores do roubo estavam em um carro com três ou mais pessoas. Nesses roubos, foi observado que enquanto duas pessoas realizaram a abordagem, uma permaneceu aguardando, tendo oferecido suporte e ação criminosa e ajuda durante a fuga.

Em outras ocorrências também foi registrada a existência de um segundo veículo que acompanhava os criminosos e oferecia suporte à ação delitiva. Como essa é uma situação recorrente e que dialoga com a presença de um maior número de autores por ocorrência, acreditamos que no 48° DP os roubos de veículos envolvem algum grau de coordenação, combinando mais de um autor em ações planejadas.

Esse é um aspecto importante. A maior complexidade dos casos ocorridos no 48° DP e a indicação de que grupos criminosos organizados podem estar agindo no território é algo que precisa ser olhado com cuidado, já que esta é uma característica importante e que impacta na necessidade de planejamento de ações de combate aos roubos.

Como já foi dito, não sabemos se essas ou outras características estão presentes no distrito do Cambuci, já que os históricos das ocorrências nesse local são menos detalhados. Contudo, permanece o alerta sobre as especificidades identificadas no 48° DP e que parecem convergir com algumas das observações já feitas sobre as dinâmicas do crime de roubo (outros).

4.4. Análise dos objetos roubados

Uma questão identificada durante a análise dos boletins de roubo de veículo diz respeito à existência de erros de preenchimento do próprio BO. Esse é o caso do BO 4557/2013, pertencente ao 6° DP, um caso de roubo em que a vítima estava parada no semáforo quando teve seu vidro quebrado e os bens subtraídos. Apesar de o automóvel em questão não ter sido levado durante a ação criminosa, a ocorrência foi classificada como um roubo de veículo.

Ao todo foram identificados três boletins com algum tipo de problema no preenchimento, um número muito pequeno perante o universo de 507 registros acessados. Ocorre que, apesar de reduzido o número, este resultado reitera nossa percepção sobre a existência de problemas na confecção dos boletins, que além de informações faltantes apresentam preenchimento incorreto.

Por este motivo, depois de feitos os ajustes necessários no banco de dados, o número final de ocorrências na qual foi possível avaliar as características do objeto roubado foi reduzida para 506 casos, 237 pertencentes ao 6º DP e 269 do 48º DP.

A primeira informação que pôde ser observada através da leitura das ocorrências de roubo diz respeito ao tipo de veículo subtraído durante a ação criminosa. Para tal intento, foram utilizadas as classificações apresentadas pelo próprio BO sobre o veículo roubado, quais sejam¹⁰:

- Automóvel: veículo automotor destinado ao transporte de passageiros, com capacidade para até oito pessoas, inclusive o condutor;
- Caminhonete ou caminhoneta: veículo misto destinado ao transporte de passageiros e carga no mesmo compartimento ou veículo destinado ao transporte de carga com peso bruto total de até três mil e quinhentos quilogramas;
- Motocicleta ou motoneta: veículo automotor de duas rodas, dirigido por condutor na posição montada ou sentada;
- Utilitário: veículo misto caracterizado pela versatilidade do seu uso, inclusive fora da estrada.

Além disso, verificou-se a existência de casos em que na mesma ocorrência havia descrição sobre mais de um veículo roubado, especialmente quando o registro dizia respeito a um roubo em estacionamento. Desta forma, a descrição 'mais de um veículo' foi incluída entre as opções de resposta, compondo um total de 13 ocorrências registradas.

¹⁰ Definições segundo o Código Brasileiro de Trânsito.

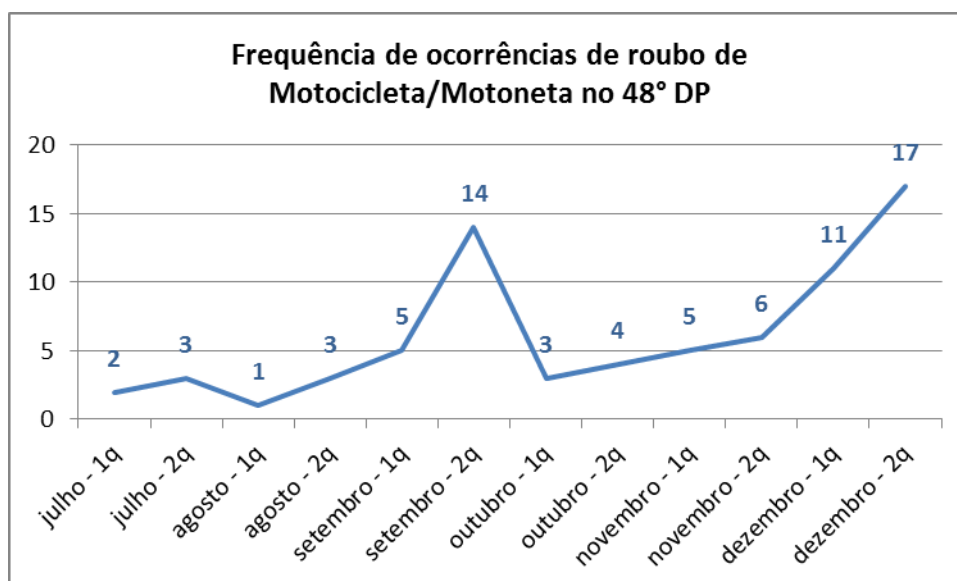
Tabela 21 - Frequência das ocorrências de roubo de veículo segundo tipo de veículo roubado e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Mais de um veículo roubado	5,1%	(12)	0,4%	(1)	2,6%	(13)
Automóvel	59,9%	(142)	61,7%	(166)	60,9%	(308)
Caminhonete/Caminhoneta	21,1%	(50)	10,4%	(28)	15,4%	(78)
Motocicleta/Motoneta	5,9%	(14)	27,5%	(74)	17,4%	(88)
Utilitário	8,0%	(19)	0,0%	(0)	3,8%	(19)
TOTAL	100,0%	(237)	100,0%	(269)	100,0%	(506)

Como é possível observar, na maior parte dos casos em que mais de um veículo foi roubado o registro foi feito no 6° DP, resultado que converge com os demais achados da pesquisa (mais roubos em estacionamentos foram registrados no Cambuci).

Ademais, a distribuição dos roubos por tipo de veículo subtraído revela que os automóveis são o principal alvo dos roubos em ambos os distritos, porém no 48° DP – Cidade Dutra há um maior número de roubos de motocicletas/motonetas, fato que pode ter relação com as características da frota em circulação nesse território.

Outro ponto que precisa ser ressaltado é que havíamos identificado que no 48° DP houve um aumento significativo no número de registros de roubos de veículo na segunda quinzena de dezembro. A análise dos registros considerando o tipo de veículo roubado alerta que de forma geral todos os tipos de veículos foram mais alvo de roubos no período considerado, mas o item que registrou um comportamento atípico foi o roubo de motocicletas/motonetas.



Como nesse distrito há maior participação dos roubos de motocicletas na composição dos registros de roubo e o crescimento verificado para este grupo de ocorrências foi muito significativo em dezembro, podemos considerar que os resultados identificados para o 48° DP podem estar relacionados a esta modalidade de roubo. Seria preciso avaliar outros dados para que pudéssemos ter maior clareza sobre o problema ocorrido no distrito de Cidade Dutra, mas ao que tudo indica o aumento no número de crimes decorreu em grande parte da maior vitimização de motociclistas.

Quanto ao cruzamento de informações sobre a situação da vítima no momento da abordagem com o tipo de veículo roubado, foi verificado que automóveis, caminhonetes/caminhonetas e utilitários são subtraídos enquanto a vítima está com o veículo estacionando, no momento do embarque ou desembarque do veículo. Já nos roubos de motocicletas/motonetas o crime acontece quando a vítima está com o veículo em movimento, sendo a abordagem decorrente de uma fechada ou batida.

Tabela 22 - Situação da vítima nos roubos de veículo por tipo de veículo roubado

	Automóvel		Caminhonete/ Caminhoneta		Motocicleta/ Motoneta		Utilitário	
Em frente à residência	20,5%	(63)	17,9%	(14)	8,0%	(7)	15,8%	(3)
Interior de casa	11,4%	(35)	2,6%	(2)	2,3%	(2)	0,0%	(0)
Interior de estabelecimento	3,9%	(12)	10,3%	(8)	3,4%	(3)	0,0%	(0)
Não consta	13,3%	(41)	20,5%	(16)	17,0%	(15)	31,6%	(6)
Veículo em movimento	12,0%	(37)	10,3%	(8)	40,9%	(36)	0,0%	(0)
Veículo estacionado	33,1%	(102)	34,6%	(27)	10,2%	(9)	52,6%	(10)
Veículo parado	5,5%	(17)	3,8%	(3)	18,2%	(16)	0,0%	(0)
Saída de banco	0,3%	(1)	0,0%	(0)	0,0%	(0)	0,0%	(0)
TOTAL	100,0%	(308)	100,0%	(78)	100,0%	(88)	100,0%	(19)

São poucas as diferenças no cruzamento de dados entre a situação da vítima e o tipo de veículo roubado quando são desagregadas as informações por distritos. O que foi possível perceber é que no 48º DP há mais casos em que automóveis são roubados em frente à residência ou no interior de casa, o que provavelmente tem relação com as características desse distrito (já discutidas quando apresentados os dados sobre a situação da vítima no momento da abordagem).

Em relação às informações sobre o modo de atuação do autor do roubo, o cruzamento de dados revela que o grande percentual de ocorrências sem informação sobre o *modus operandi* é recorrente em registros onde o veículo subtraído é um automóvel, caminhonete/caminhoneta ou um utilitário. Quando o roubo é de uma motocicleta, 75% dos registros possuem informação sobre a atuação dos criminosos, sendo que em 59,1% dos registros a abordagem foi feita por pessoas em uma moto.

Tabela 23 - *Modus operandi* do autor de roubo por tipo de veículo roubado

	Automóvel		Caminhonete/ Caminhoneta		Motocicleta/ Motoneta		Utilitário	
A pé	14,6%	(45)	6,4%	(5)	10,2%	(9)	5,3%	(1)
De carro	14,3%	(44)	16,7%	(13)	5,7%	(5)	0,0%	(0)
De moto	6,8%	(21)	6,4%	(5)	59,1%	(52)	0,0%	(0)
Não consta	64,3%	(198)	69,2%	(54)	25,0%	(22)	94,7%	(18)
Outro	0,0%	(0)	1,3%	(1)	0,0%	(0)	0,0%	(0)
TOTAL	100,0%	(308)	100,0%	(78)	100,0%	(88)	100,0%	(19)

Como a maior parte dos registros não apresenta informações sobre o *modus operandi* do autor, o universo de análise sobre o 6° DP é muito restrito, não sendo prudente tecer considerações sobre diferenças entre os dois distritos.

Por fim, o último dado identificado sobre as características dos veículos roubados diz respeito ao tempo de uso de cada veículo. Para tal consideração, os itens foram agrupados em quatro categorias diferentes: Novos (quando o ano de fabricação ou do modelo do veículo era 2013), Seminovos (veículos 2011 ou 2012), Usados (de 2004 a 2010) e Velhos (aqueles com mais de 10 anos de uso).

Majoritariamente os veículos roubados são usados (53,1% dos casos), mas enquanto no 6° DP a proporção de veículos usados e seminovos é mais próxima, no 48° DP o volume de veículos usados ou velhos é mais significativo.

Tabela 24 - Frequência das ocorrências de roubo de veículo segundo tempo de uso do veículo roubado e DP de registro

	6° DP		48° DP		TOTAL	
Não consta	0,0%	(0)	0,4%	(1)	0,2%	(1)
Novo	11,6%	(26)	6,3%	(17)	8,7%	(43)
Seminovo	41,3%	(93)	24,3%	(65)	32,0%	(158)
Usado	45,3%	(102)	59,7%	(160)	53,1%	(262)
Velho	1,8%	(4)	9,3%	(25)	5,9%	(29)
TOTAL	100,0%	(225)	100,0%	(268)	100,0%	(493)

Acreditamos que essas características tenham relação com o perfil da frota em circulação em cada um dos distritos analisados, porém, é preciso lembrar que ainda que não seja possível estabelecer correlações diretas entre esses resultados e a atuação de grupos criminosos, talvez haja alguma especificidade no 48° DP que aponte para a presença de desmanches e grupos que atuam no mercado de reposição de peças.

Para que pudéssemos verificar a presença deste e outros aspectos seria necessário avaliar mais informações sobre as ocorrências. Ocorre que, apesar da importância de alguns dados, a ausência de informações é muito recorrente nos boletins, o que dificulta o processo de análise de conteúdo.

Visando problematizar esse aspecto e deixar mais claro as dificuldades encontradas ao longo da realização do presente estudo, o próximo capítulo apresenta uma análise sobre a presença de informações nos boletins de ocorrência. Nele, serão discutidas questões como a recorrência com que informações sobre o cenário do crime, contexto, objetos e pessoas relacionadas (autor, vítima e testemunhas) são apresentadas e quão detalhados são os dados do registro, de forma a permitir a identificação das principais características do crime e contribuir para o trabalho de investigação.

5. Mensuração da quantidade de informação dos boletins por conjunto de variáveis

A partir da leitura de três fontes de informação – i) os dados apresentados no BO em campos parametrizados; ii) variáveis concernentes aos produtos objeto do roubo listados no campo *Objetos*; e iii) as informações disponibilizadas no campo *Histórico*, foi possível extrair dos boletins dados sobre cinco conjuntos de variáveis, quais sejam:

A – Cenário da ocorrência e registro de prisão em flagrante

B – Contexto do roubo

C – Objetos roubados

D – Perfil do criminoso

E – Perfil das vítimas e testemunhas

Para cada um destes grupos foi elencado um rol de informações a serem consultadas e, uma vez delimitadas, o presente relatório buscou apontar a existência ou não destas nos BOs e de que forma os registros poderiam ser melhorados a fim de que a polícia dispusesse de mais dados sobre as dinâmicas criminais de roubo.

Para realização de tal tarefa, a análise foi dividida em cinco partes, cada uma voltada a um dos conjuntos de variáveis acima descritos. Nelas são apresentadas de maneira detalhada quais os aspectos que afetaram a qualidade de preenchimento dos BOs e a frequência com que cada informação foi encontrada nos registros, aspectos que permitiram explicitar as dificuldades encontradas durante a realização da primeira etapa de pesquisa quando foi feita uma análise sobre o perfil dos crimes.

5.1. Cenário da ocorrência e registro de prisão em flagrante

Inicialmente mensuramos a existência de informação sobre as seguintes variáveis: *data, hora e local da ocorrência*, campos parametrizados que aparecem no cabeçalho do boletim de ocorrência e são critérios mínimos para a confecção do registro. Na sequência, também foram verificadas duas outras variáveis que se referem a questões concernentes ao cenário do crime – *ocorrência de prisão em flagrante/ contexto desta prisão e indicação da presença ou não de câmeras no local*.

No que toca à questão da *data da ocorrência*, esta foi indicada em todos os 1.634 BOs, o que era algo esperado, pois se trata da informação mais básica a respeito de uma ocorrência criminal que precisa ser apresentada pelo registro oficial. Já em relação à *hora exata da ocorrência*, identificamos que apenas 0,2% dos BOs não indicam nenhum horário para o crime,

8,7% indicam apenas o período da ocorrência (madrugada, manhã, tarde e noite) e a grande maioria dos casos, 91,1%, indica o horário exato do roubo.

Os padrões de preenchimento sobre esta última variável são parecidos para os dois tipos de roubo, mas é possível constatar que a precisão é maior entre os BOs de roubo de veículo, já que em somente 5,1% deles não consta a hora exata da ocorrência, o que aconteceu em 10,3% dos BOs de roubo (outros). Também é preciso ressaltar que não havia na amostra nenhum BO de roubo de veículo em que não fosse informado pelo menos o período do dia em que o crime ocorreu, o que parece indicar uma maior disponibilidade de informações nesse tipo de registro.

Já no que diz respeito à definição do *local de ocorrência*, em todos os boletins analisados foi possível identificar o logradouro público da ocorrência, contudo, em 16,6% dos registros não existia indicação sobre o número do endereço da ocorrência ou 'altura' da via pública na qual o crime aconteceu. Esse é um resultado que pode ter relação ao fato de as vítimas possivelmente não terem conhecimento sobre a localização exata onde o crime ocorreu. Desta forma, a imprecisão dos registros tem um impacto importante sobre a capacidade de serem georreferenciados os dados obtidos através dos registros de ocorrência, sobretudo quando se trata de crimes em vias públicas de dimensão extensa.

Assim como acontece com a variável sobre o horário da ocorrência, a informação da localização exata do crime é mais frequente entre os roubos de veículos, ainda que a diferença não seja muito expressiva. Esse é um resultado curioso, até porque muitos dos registros de roubo de veículo tratam sobre pessoas abordadas enquanto estavam transitando, o que também deveria impactar em sua capacidade de identificar com exatidão o local do registro. Todavia, como a diferença entre os registros de roubo (outros) e roubo de veículos é pequena, admitimos que este resultado pode ter relação com características específicas da amostra consultada

Tabela 25 - Frequência com que foram registradas informações sobre horário e local do roubo segundo o tipo de roubo registrado

	Veículos	Outros	Total Geral
Hora da Ocorrência			
Sem horário	-	0,4%	0,2%
Período do dia	5,1%	10,3%	8,7%
Hora exata	94,9%	89,3%	91,1%
Total	100%	100%	100%
Local da Ocorrência			
Endereço sem número	14,4%	17,6%	16,6%
Endereço exato	85,6%	82,4%	83,4%
Total	100%	100%	100%

Mesmo admitindo que as três variáveis analisadas até este momento contém as informações mais básicas sobre as ocorrências e tratam de campos parametrizados dos BOs, foi possível identificar que apenas 1.245 do total de 1.634 casos contém todos os dados preenchidos com exatidão. Isto significa que em 389 dos 1.634 boletins que compõem este estudo (ou 23,8% do universo de referência) não possuem alguma informação sobre o momento ou local da ocorrência, ou seja, um em cada quatro BOs não apresenta uma das informações mais básicas sobre o crime de roubo.

Tabela 26 - Índice de preenchimento de hora e local exatos segundo o tipo de roubo registrado

	Veículo	Outros	Total Geral
Total de BOs	507	1127	1634
BOs com indicação de hora e local exato	411	834	1245
Índice	81,1%	74,0%	76,2%

Novamente, verifica-se que o preenchimento dos BOs de roubo (outros) é caracterizado por um menor grau de detalhamento em relação aos BOs de roubo de veículo, algo que decorre principalmente da menor presença de horários exatos.

No caso das demais variáveis analisadas (*prisão e contexto do flagrante e presença de câmeras de segurança no local do crime*), por não serem informações apresentadas em campos de preenchimento obrigatório e parametrizado, foi possível observar piores resultados, com baixos índices de presença desses dados nos boletins.

Para a identificação da *prisão e contexto do flagrante e presença de câmeras de segurança no local do crime* o presente estudo precisou avaliar a disponibilidade desses dados a partir da leitura dos históricos dos BOs. Em geral, foi possível identificar três possibilidades de informação: I. Identificação de uma menção positiva sobre ocorrência de prisão/existência de câmeras; II. Identificação de uma menção negativa sobre a ocorrência de prisão/existência de câmeras; ou III. Nenhuma menção sobre prisões/câmeras. É importante destacar que a opção pela terceira classificação não implica dizer que não houve prisão ou que não havia câmeras no local do fato, mas apenas que não se tem informação sobre isso no BO.

Como resultado, temos que houve indicação positiva de prisão em flagrante em somente 54 BOs de toda a amostra analisada. Deste total, em apenas em quatro casos há informações sobre o contexto no qual a Polícia foi acionada e realizou a prisão. Em todos os outros BOs não há informação sobre esse fenômeno. É razoável supor que o baixo número de BOs em que há informações explícitas sobre prisões em flagrante não se deva a problemas de preenchimento, mas ao fato de que realmente não tenha sido efetuada nenhuma prisão. A realização de uma prisão em flagrante é informação fundamental sobre uma ocorrência e é difícil imaginar que haja um número significativo de casos em que suspeitos tenham sido presos e essa informação não tenha sido mencionada no registro da ocorrência. Por essa razão, e devido ao pequeno número de casos de prisões em flagrante encontrados na amostra, ponderamos não ser necessário tecer mais comentários a respeito desta variável, que se mostrou pouco explicativa.

Em relação à segunda variável, em apenas 61 casos, ou 4% do total de BOs, há indicação explícita sobre a presença ou ausência de câmeras de segurança no local, ou informações de que a vítima, quando questionada sobre o tema, disse não saber se havia uma câmera no local. Nos outros 96% dos casos não há informações, o que indica que o declarante do BO não deu nenhuma informação e nem lhe foi perguntado nada sobre essa questão. Esse é um dado preocupante, uma vez que imagens ou vídeos sobre o ocorrido aumentam as chances de que uma investigação seja bem sucedida. Desta maneira, é fundamental que no BO esteja indicada a possibilidade de a Polícia encontrar ou não imagens do crime, sendo importante que a Polícia realize questionamentos à vítima sobre este aspecto.

No que tange à comparação dos resultados apurados para os BOs de roubo (outros) e roubo de veículos, não foi identificada diferença significativa entre os registros analisados sobre esse quesito, permanecendo a baixa presença de informações sobre câmeras no local do crime.

5.2. Contexto do roubo

A análise do contexto do roubo foi feita a partir da consideração de quatro variáveis: *modus operandi* do criminoso, situação da vítima no momento da abordagem, indicação do uso de armas durante o roubo e o número de autores citados no boletim. Essas variáveis foram analisadas a partir da consideração do conteúdo dos históricos dos BOs e, conforme

apresentado nos capítulos anteriores, seguiu critérios de classificação previamente estabelecidos.

O que se observa é que dados sobre cada uma das variáveis *modus operandi*, situação da vítima e uso de armas não puderam ser constatados em 51,7%, 23,8% e 12,3% do total de BOs analisados, respectivamente.

Tabela 27 - Frequência de BOs em que aparece informação sobre o contexto do roubo, segundo tipo de roubo registrado

	Veículos	Outros	Total Geral
Modus Operandi do autor do crime			
Casos com informação	41,2%	51,6%	48,3%
Não consta	58,8%	48,4%	51,7%
Situação da vítima			
Casos com informação	84,4%	72,5%	76,2%
Não consta	15,6%	27,5%	23,8%
Uso de arma			
Casos com informação	94,1%	84,7%	87,6%
Não consta	5,9%	15,3%	12,3%

Para as variáveis *Situação da Vítima* e *Uso de Arma*, os resultados encontrados confirmam os anteriores no sentido que BOs de roubo de veículo tendem a conter mais informações do que os BOs de roubo (outros). Um exemplo disso é que em apenas 5,9% dos BOs de roubo de veículos não há qualquer menção sobre o emprego de armas durante a prática delitiva, enquanto que no roubo (outros) em 15,3% dos casos não foi possível saber se o autor do crime usou ou não algum tipo de arma. É interessante notar, contudo, que essa situação se inverte na variável *Modus Operandi*, em que foi mais frequente haver ausência de quaisquer informações na amostra de roubos de veículos. Essa quebra de padrão chama atenção: trata-se da única variável em que os BOs de roubo de veículo se mostraram menos detalhados, contudo, não foi possível identificar qual seria o motivo de tal problema.

Se considerarmos o volume de boletins de ocorrência que trazem informações sobre todas as três variáveis acima especificadas, é possível observar que apenas 34% dos registros analisados na amostra apresentaram dados sobre *modus operandi*, *situação da vítima* e *uso de armas*.

Além disso, é possível perceber que o índice de preenchimento completo foi um pouco superior para os BOs de roubo de veículo, sendo a diferença muito pequena.

Apesar dessas considerações, o resultado apurado indica que apenas um em cada quatro BOs de roubo trazia todas as informações necessárias para o entendimento da dinâmica criminal

da ocorrência, algo que com certeza afeta a capacidade de realização de uma investigação adequada sobre os crimes registrados.

Tabela 28 - Índice de preenchimento adequado sobre o contexto de roubo segundo tipo de roubo registrado

	Veículo	Outros	Total Geral
Total de BOs	507	1127	1634
BOs com informações sobre <i>modus operandi</i> , situação da vítima e uso de armas	174	381	555
Índice	34,3%	33,8%	34,0%

Se a avaliação sobre as informações de contexto apresentadas nos boletins de ocorrência for desagregada em quatro categorias distintas conforme a quantidade de dados apresentados, o resultado passa então a revelar diferenças importantes entre os registros de roubo (outros) e roubo de veículos.

Em geral, apenas 1,8% dos casos não apresenta nenhum dado sobre qualquer uma das três variáveis analisadas. A maioria dos casos possui duas ou mais informações sobre as dinâmicas do crime, mas entre os roubos de veículos esse percentual é ainda maior. Já nos roubos (outros), uma parcela significativa de registros possui apenas uma das três informações consultadas.

Tabela 29 - Quantidade de registros com informações sobre o contexto do roubo segundo quantidade de dados disponíveis e tipo de roubo registrado

	Veículos	Outros	Total Geral
Nenhuma informação	1,0%	2,1%	1,8%
Uma informação	12,6%	20,8%	18,2%
Duas informações	52,1%	43,3%	46,0%
Três informações - completo	34,3%	33,8%	34,0%
Total	507	1127	1634

Quanto ao último item considerado sobre a identificação do contexto do roubo, foi verificado que o número de autores que participaram da ação criminosa foi reportado em praticamente todos os BOs, mesmo que de forma inexata (apenas seis dos 1.634 registros não continham nenhum tipo de informação sobre o número de autores).

5.3. Objetos roubados

Quanto à avaliação do conteúdo do campo *OBJETO* para os 1.634 BOs selecionados, é possível verificar que em todos os boletins existe indicação de pelo menos um tipo de item que tenha sido roubado, seja este um veículo ou objetos variados. Entretanto, apesar do alto índice de preenchimento, este nem sempre é feito de forma padronizada, o que dificulta a verificação do tipo de procedimento adotado pela polícia para descrição dos objetos roubados.

É importante destacar que diferenças significativas foram observadas quando foram comparados os registros de roubo (outros) e roubo de veículos. Em todos os 507 registros de veículos roubados foram especificados o tipo do veículo subtraído (se automóvel, utilitário, moto ou caminhonete), a cor do veículo, ano, chassi, combustível, placa, marca e identificação do proprietário. Por outro lado, nos casos de roubo (outros) a descrição dos objetos subtraídos é menos exaustiva, sendo na maioria esmagadora dos casos apenas citado o objeto alvo do roubo.

No caso dos roubos de celulares (maioria dos registros de roubos (outros), em apenas 13 boletins existia a indicação do IMEI (Identificação Internacional de Equipamento Móvel) do telefone. Esse resultado é compreensível, já que se trata de uma informação pouco conhecida pelos usuários. Todavia, acreditamos que essa situação tende a mudar, já que em fevereiro de 2015 a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo publicou uma resolução¹¹ que torna obrigatório o fornecimento do IMEI para o registro de roubo de celular. Essa é uma ação importante, que contribui com a possibilidade de identificação do aparelho ajuda na realização de ações de rastreamento dos itens roubados, o que inibir a prática de roubo desse tipo de objeto.

Ainda nesse sentido, também foi verificado que poucos boletins continham dados sobre a operadora do celular roubado (111 BOs ou 12,3% da amostra) e que cerca de 10% da amostra não apresentou informações sobre a marca do aparelho roubado, dados que consideramos elementares para completa caracterização dos objetos.

Desta forma, fica evidenciado que o problema de ausência de informações e falta de padronização é mais evidente dos registros de roubo (outros), o que talvez indique uma maior preocupação em detalhar características do item roubado quando este possui maior valor comercial.

¹¹ Resolução SSP-3, de 06/02/2015.

5.4. Perfil do criminoso

Para compor o conjunto de variáveis sobre o *Perfil do Criminoso*, foram consideradas informações sobre a capacidade de reconhecimento do criminoso pela vítima, o fato de a autoria do delito ser conhecida ou desconhecida e dados sobre o perfil do autor de roubo.

No caso da informação sobre a indicação da autoria do delito (se conhecida ou desconhecida), este é um campo de preenchimento obrigatório nos boletins e, por este motivo, o dado esteve presente em 1.633 dos 1.634 boletins analisados.

Informações sobre a variável *capacidade de reconhecimento do autor do crime* foram encontradas em 77,4% dos BOs analisados, sendo que em 22,6% deles não havia nenhuma informação sobre a capacidade da vítima de reconhecer o autor. Vale enfatizar que isso não quer dizer que nesses 22% a vítima tenha declarado não ser capaz de fazer o reconhecimento, apenas que essa informação não foi sequer mencionada pela vítima ou questionada pelo policial.

Esse é um dado que não apresentou grandes diferenças quando comparados os resultados em relação ao tipo de roubo consumado, conforme revelam os dados da tabela abaixo.

Tabela 30 - Frequência de BOs em que aparece informação sobre a capacidade de reconhecimento dos autores, segundo tipo de roubo registrado

	Veículos	Outros	Total Geral
Capacidade de reconhecimento do autor pela vítima			
Informação	77,9%	77,1%	77,4%
Não consta	22,1%	22,9%	22,6%
Total	100%	100%	100%

Contudo, é preciso reiterar que os registros em que foi considerado haver informações sobre a capacidade de reconhecimento do autor pela vítima não necessariamente indicam que o reconhecimento foi possível, mas sim que durante a confecção do BO foi reportado de maneira explícita a capacidade ou não da vítima de fazê-lo. Desta forma, tem-se que dentre os 77,4% dos BOs em que existe essa informação 21% indicaram que as vítimas não conseguiriam reconhecer os autores, em 51% foi solicitado às vítimas realizarem o reconhecimento no através do sistema Phoenix e em apenas 5% as vítimas afirmaram que poderiam reconhecer os autores.

Por fim, a consideração das variáveis sobre a caracterização física e das vestimentas dos autores dos crimes precisou ser feita através da leitura dos históricos dos registros, já que não tivemos acesso ao campo descritivo sobre o autor do crime.

Talvez por não termos tido acesso a totalidade de informações dos boletins, foi verificado que raramente dados sobre o perfil dos autores são reportados no histórico da ocorrência. Apenas 10,8% dos BOs contém em seu campo *Histórico* algum tipo de informação sobre sexo, altura, roupa e etnia/cor do autor do crime, sendo possível que tal ausência seja explicada pela disponibilidade desses dados em outros campos do boletim (os quais não tivemos acesso).

Desta forma, o pequeno número de BOs em que foram encontrados esses elementos não permite afirmar que as características físicas do(s) criminoso(s) não tenham sido reportadas à polícia, pois elas podem ter sido inseridas no campo 'autor' do respectivo registro. Todavia, é curioso observar que BOs cujo histórico contém a descrição dessas características são mais comuns entre os casos de roubo (outros).

Tabela 31 - Frequência de BOs em que aparece informação sobre características físicas dos autores, segundo tipo de roubo registrado

	Veículos	Outros	Total Geral
Descrição física do autor do crime			
Com Descrição	6,9%	12,5%	10,8%
Sem Descrição	93,1%	87,5%	89,2%
Total	100%	100%	100%

5.5. Perfil das vítimas e testemunhas

Antes de apontar quais foram os resultados encontrados na amostra para as variáveis relacionadas às vítimas e testemunhas, cabe fazer uma ressalva sobre a existência dessas informações no campo *Histórico* do BO, que foi aquele ao qual os pesquisadores tiveram acesso. Assim como verificado sobre os dados dos autores de roubo, a ausência de informações sobre as vítimas e as testemunhas no histórico não significa elas não constem no BO, já que existem campos parametrizados específicos para a inserção desses dados.

A diferença em relação à apresentação de dados sobre os autores se dá devido ao fato de que é mais plausível que a vítima de um roubo descreva o autor durante seu relato sobre a ocorrência, porém não é esperado que ela relate suas próprias características ou a de pessoas que possam servir de testemunhas. Em outras palavras, é esperado que não haja informações descritivas sobre vítimas e testemunhas no campo *Histórico*, tendo em vista a existência de campos específicos para isso.

Assim, quando foram analisados os 1.634 BOs, constatou-se que em boa parte deles (47,5%) não foi possível identificar o número exato de vítimas por meio da leitura do histórico. No entanto, em diversos casos foi explicitamente apontado que as vítimas foram “acima qualificadas” ou “supra qualificadas”, o que indica que poderíamos conhecer o número e perfil

das vítimas se tivéssemos acesso ao campo destinado a esse tipo de informação. Dados como o sexo e faixa etária são importantes para que se possa tentar compreender determinadas dinâmicas criminais, identificando vítimas preferenciais, por exemplo. Porém, a ausência dessas informações no histórico não nos permite afirmar que elas não existam; ao contrário, muitos históricos indicam explicitamente que as vítimas foram qualificadas em outro campo do BO.

Quanto ao perfil das testemunhas, as duas variáveis associadas a esse conjunto são: o indicador da existência de testemunhas e seu número. Dos 1.634 BOs analisados, em apenas 41 (2,5%) havia indicação explícita sobre a presença ou ausência de testemunhas no local do crime. Mais uma vez, frisamos que não se pode afirmar que em 97,5% não houve indicação de testemunhas, pois a informação sobre elas pode ter sido inserida no campo específico do BO destinado a isso, ao qual os pesquisadores não tiveram acesso. Contudo, para este caso, acreditamos que durante a realização do registro a vítima poderia ter sido questionada sobre a existência de pessoas no local do crime no momento da abordagem, já que a presença de testemunhas pode ser importante para a Polícia no desenvolvimento de seu trabalho de investigação.

Em relação ao número de testemunhas, essa informação não é explicitada mesmo quando no histórico dos BOs há indicação de que havia testemunhas do crime. Em alguns relatos só é relatada a “presença de populares” ou de pessoas no ponto de ônibus, por exemplo. Se por um lado, a não indicação de um número preciso não implica em baixa qualidade do BO, já que se trata de casos em que obviamente não é possível apontar com exatidão o número de pessoas que testemunharam a ação, por outro, a falta de menção a pessoas que poderiam colaborar com o levantamento de informações sobre o caso é um problema.

6. Considerações sobre os achados da pesquisa

O primeiro aspecto que precisa ser mencionado sobre os resultados obtidos através da análise dos boletins de roubo diz respeito à constatação de que este documento é sim uma fonte de informações que contribui de maneira substantiva para a realização de diagnósticos sobre as dinâmicas criminais.

Ao longo dos capítulos três e quatro deste relatório ficou evidenciado que os boletins de ocorrência apresentam informações relevantes sobre o contexto do crime e que estes dados, quando trabalhados de forma conjunta, permitem a verificação de características importantes das dinâmicas criminais de cada um dos distritos da capital.

Em geral, fatores contextuais como o tipo de ocupação do território, a circulação de pessoas e outros aspectos populacionais influenciam a dinâmica dos distritos, todavia a avaliação adequada das informações constantes nos boletins de ocorrência permite que tais diferenças sejam identificadas e problematizadas, o que é um resultado muito importante.

Dados mais básicos sobre o cenário da ocorrência (como dia, hora e local do crime) ou sobre os objetos roubados são mais frequentes nos registros. É provável que isto tenha relação com o fato de estas informações serem apresentadas em campos parametrizados do boletim, o que facilita seu registro.

No caso das variáveis que indicam o contexto do roubo, apesar de terem se mostrado fundamentais para o trabalho de diagnóstico da situação nos distritos, estas foram as que mais apresentaram problemas de preenchimento. É preciso lembrar que o conteúdo analisado foi o histórico do boletim de ocorrência e como esse é um campo de preenchimento livre, foi mais fácil perceber as alterações no tipo de informação apresentada. Por este motivo, acreditamos que seja necessário estabelecer critérios para o preenchimento dos boletins, ou seja, um roteiro de perguntas mínimas necessárias que deverão ser feitas às vítimas para que dados sejam registrados nos BOs seguindo um padrão, o que facilita o acesso à informação e a identificação de características importantes dos roubos.

Quanto à análise do perfil das pessoas envolvidas na ocorrência (autor, vítima e testemunha), nosso estudo ficou prejudicado devido a não disponibilização do conteúdo completo dos boletins. Contudo, precisamos ressaltar que a identificação de que muitas vezes a vítima não foi questionada sobre a possibilidade de proceder ao reconhecimento do autor ou sobre a presença de testemunhas no local do crime indica que mesmo a caracterização das pessoas envolvidas na ocorrência é um item que apresenta problemas.

Dos resultados apurados pela pesquisa, dois achados chamam atenção: a existência de diferenças de preenchimento de acordo com o distrito considerado e o fato de os boletins de roubo de veículo terem mais informações disponíveis.

Sobre o primeiro aspecto, tanto a análise do perfil dos roubos (outros) quanto a de roubos de veículos revelou que no 6º DP – Cambuci há mais boletins em que dados contextuais do crime não foram apresentados.

Em princípio havíamos indicado que o fato de no 6º DP haver mais casos sem informação poderia decorrer de dois fatores: a existência de diferenças nas dinâmicas criminais desse local (mais rápidas, onde a vítima tenha dificuldade em perceber características da ação e depois relatá-las à Polícia) ou ainda devido ao perfil da própria equipe responsável pela confecção do registro, que talvez não adote como procedimento detalhar informações do crime. Como foi observado que tanto para o crime de roubo (outros) quanto no de roubo de veículo o 6º DP possui registros menos detalhados e que a ausência de informações pode ser percebida em casos com diferentes dinâmicas, admitimos que o papel da equipe responsável pelo registro teve um grande impacto sobre a qualidade da informação coletada.

Nesse sentido, podemos dizer que a ausência de um parâmetro ou orientação sobre como deveria ser preenchido o boletim de ocorrência acaba deixando a decisão sobre o tipo de dado a ser coletado nas mãos do operador do sistema, o que prejudica a produção de dados mais precisos e gera discrepâncias nos resultados apurados para os diferentes distritos.

Quanto ao fato de os boletins de roubo de veículo apresentarem mais informações que os de roubo (outros), isto parece ter relação com as características do bem subtraído, sendo que roubos de itens de maior valor foram em geral mais esmiuçados.

Como ficou evidenciado durante as análises de perfil das ocorrências, mesmo no roubo de veículo é possível identificar muitas dinâmicas criminais. Por esta razão, não nos parece razoável admitir que a diferença no formato dos registros de roubo outros e de veículo esteja relacionada presença de dinâmicas mais complexas nos roubos de veículos e que por isso a vítima teria mais informações a repassar para a polícia (lembremos que parte dos crimes de roubo de veículo são cometidos em abordagens rápidas a pessoas paradas no trânsito).

Mesmo se considerarmos as descrições sobre o local do crime veremos que os dados são mais precisos nos registros de roubo de veículo, que contam inclusive com informações sobre o número do logradouro onde foi cometido o delito. Acreditamos que tanto nos roubos a transeuntes quanto nos roubos a veículos em movimento seja difícil para a vítima descrever o local exato em que foi abordada, contudo parece haver um maior interesse da vítima em apresentar informações mais precisas quando o item roubado foi um veículo.

Desta forma, temos que dois aspectos parecem afetar o preenchimento do boletim: decisões feitas pela equipe responsável pelo registro da ocorrência e o interesse da vítima em reportar informações conforme o valor do bem subtraído. É curioso observar que ambos os aspectos são

influenciados por decisões pessoais de indivíduos envolvidos no processo de registro e decorrem do fato de não haver um padrão objetivo para a coleta de informações.

Por este motivo, reiteramos que os problemas de preenchimento encontrados poderiam ser tratados se algumas orientações sobre os procedimentos para o preenchimento dos boletins fossem feitas. Esse seria o passo inicial para o aperfeiçoamento das informações produzidas, mas já permitiria a obtenção de melhores resultados.

Também precisamos lembrar que dois fatores motivaram a realização do presente estudo: a necessidade de verificação se as informações coletadas nos boletins de ocorrência permitem a realização de diagnósticos e o papel dessas frente ao trabalho de investigação das ocorrências.

Quanto ao primeiro item, os resultados apresentados permitiram demonstrar que, mesmo com todos os problemas já identificados, a realização de diagnósticos sobre as ocorrências e identificação de dinâmicas criminais é algo totalmente viável. Contudo, em relação às informações que poderiam contribuir para a investigação dos casos, este foi um item que se mostrou mais débil.

Durante o capítulo cinco, quando foram apresentadas algumas variáveis importantes para o processo de investigação dos crimes (como a presença de câmeras no local, possibilidade de identificação de testemunhas e perfil dos autores) ficou evidente que esse tipo de dado é o menos citado nos registros.

Sabemos que a proporção de inquéritos instaurados frente o total de ocorrências na capital é pequena e, pelo que foi apresentado, também o tipo de informação disponível nos BOs não permite inferir que muitas das ocorrências sejam passíveis de serem investigadas.

Isto fica evidente quando observamos os casos em que, por exemplo, um transeunte é abordado na via por uma pessoa a pé, sem armas, que leva seu dinheiro e documentos. Nesse caso temos todas as informações sobre o contexto, mas como a polícia poderia trabalhar esses dados de forma a investigar o crime? Isoladamente, parece que a possibilidade de investigação de alguns crimes é muito limitada, o que nos leva a considerar a necessidade de uma análise conjunta das informações para que algumas ocorrências possam ser apuradas.

Quando dizemos que os dados podem ser trabalhados de forma conjunta, o que estamos tentando destacar é que muitas vezes o caso de roubo do transeunte, abordado por um indivíduo a pé e sem arma, não foi o único relatado naquele logradouro num período de tempo determinado. Em suma, a análise do universo de 1.634 boletins permitiu verificar que muitos desses relatos se repetem e acabam por indicar para a Polícia que naquela região uma modalidade de crime é recorrente e que o autor em questão pode ser o mesmo indivíduo.

De forma geral, mesmo que algumas informações não tenham relevância estatística para o diagnóstico (porque abrangem um pequeno número de registros), elas podem ser importantes para o desenvolvimento do trabalho policial. Exemplos disso são os casos em que foram relatadas abordagens feitas por um casal em uma moto a pessoas no ponto de ônibus, a presença de um Chevette marrom em alguns roubos ocorridos no 48º DP ou ainda casos em que foi relatado que os criminosos estavam numa moto e um dos autores usava uma mochila de entrega de pizza. Como já apontado, a recorrência dessas características não é estatisticamente significativa (são quatro casos semelhantes em cada grupo de informações), mas elas indicam que um mesmo criminoso está agindo no território e isso é um dado que pode contribuir bastante para o trabalho da polícia.

Precisamos pontuar que não achamos que todo boletim tenha condições de se tornar um inquérito, mas sim que toda ocorrência contém informações que podem contribuir para o trabalho da Polícia e, por isso, precisa ser tratada com cuidado. Além disso, o que estamos problematizando é que o atual percentual de investigações indica que muitos casos com potencial para serem investigados acabam sendo deixados de lado e isso ocorre porque faltam informações sobre esses crimes.

O que percebemos como um empecilho para que tais dados possam ser utilizados no processo de investigação dos crimes diz respeito ao fato de que muitas dessas características importantes são inseridas no campo descritivo do BO (o histórico da ocorrência) e, por não terem um padrão de preenchimento, dificultam o processo de consulta. Ademais, também não é comum que as vítimas sejam questionadas sobre sua capacidade de reconhecimento do autor, o que seria fundamental para que fosse averiguado se de fato uma mesma pessoa foi o autor de diferentes crimes.

Por este motivo, a principal proposição deste relatório diz respeito à necessidade de melhoria da coleta e processamento de informações e o desenvolvimento de ações de inteligência policial. Não é aceitável que a decisão por inclusão ou não de informações nos registros dependa de decisões individuais das partes interessadas. É preciso que seja desenvolvido um protocolo para coleta e registro de dados, mesmo no histórico da ocorrência, além de serem pensadas formas para consulta desses dados e realização de análises.

Como pudemos observar ao longo deste trabalho, mesmo com todos os problemas existentes na produção de dados, a Polícia já dispõe de muitas informações relevantes e precisa agora desenvolver mecanismos conseguir utilizar melhor estas, aumentando sua capacidade de desenvolvimento de ações preventivas, investigação e esclarecimento de crimes.

7. Recomendações

A proposição de melhorias na formalização dos boletins de ocorrência precisa levar em consideração que este documento é preenchido dentro de um sistema operacional e que alguns de seus campos têm conteúdo parametrizado. Por este motivo, a sugestão de alterações estruturais no formato das informações e inclusão de novos campos para coleta de dados dependeria da realização de uma análise sobre o sistema operacional de registro das ocorrências, algo que não faz parte do escopo deste estudo.

Contudo, ao longo do presente trabalho foi possível evidenciar que o atual modelo de boletim consegue captar dados sobre a dinâmica das ocorrências e que seu formato atende muitas das necessidades da Polícia, não sendo imprescindível a proposição de mudanças estruturais para que haja maior qualidade das informações. Ademais, o maior problema verificado não está relacionado ao formato dos campos parametrizados, mas sim ao cuidado no preenchimento destes e o conteúdo apresentado nos históricos, um campo de preenchimento livre e que não possui nenhum padrão quanto o tipo de dado coletado.

De maneira geral, sabe-se que os BOs devem ter informações concisas e específicas, sem a interferência da subjetividade do responsável pela confecção do registro ou do indivíduo que faz o relato do crime. Todavia, a falta de um roteiro que descreva quais são as informações de interesse faz com que haja grande discrepância entre os conteúdos dos registros, sendo possível perceber grande influência do fator individual sobre o tipo de informação coletada.

Por este motivo, nos parece que a proposição de um protocolo para preenchimento dos históricos das ocorrências, indicando quais as informações que precisam constar no boletim e o tipo de questionamento que deve ser feito à vítima, já seria suficiente para que mais informações de interesse fossem apresentadas nos boletins.

Desta forma, pensando na capacidade de análise sobre o contexto da ocorrência, admitimos que orientações que explicitem a necessidade de o BO conter informações claras sobre a situação da vítima quando foi abordada, o modo de atuação do autor do roubo, o emprego de armas durante a prática delituosa, o número de autores que participaram da ação e a descrição de características peculiares sobre os autores que possam ser importantes para a investigação do caso são pontos fundamentais a serem apresentados no histórico.

No caso das características peculiares dos autores, não nos referimos à descrição do perfil do autor (já que existe um campo parametrizado do BO para inclusão desses dados), mas sim que sejam apontadas, por exemplo, características dos veículos utilizados pelos criminosos, se eles contavam com o suporte de outros indivíduos, etc. Essas situações, mesmo quando não são estatisticamente significantes para o desenvolvimento de diagnósticos, são importantes para o

desenvolvimento do trabalho policial, especialmente no que tange a capacidade de investigação conjunta de algumas ocorrências.

Além disso, vimos que a forte relação entre as variáveis sobre o contexto da ocorrência demonstra a relevância desses dados e sua capacidade explicativa perante as dinâmicas criminais de roubo, o que tona essas variáveis um relevante subsídio para o planejamento de ações voltadas à redução dos crimes em São Paulo.

Outro aspecto importante que foi verificado diz respeito à presença de fatores que podem auxiliar a Polícia durante o trabalho de investigação do crime, como a presença de câmeras no local do roubo ou de testemunhas da ação. Sabemos que em alguns casos a vítima talvez só consiga dizer que havia pessoas passando pelo local no momento do crime, mas não consiga apontar com precisão quem eram estes indivíduos, ou que não tenha certeza sobre a existência de câmeras. Ocorre que nos chama atenção o fato de que em muitos registros a vítima não tenha sido sequer questionada sobre essas possibilidades, um problema muito sério.

Também foi identificado que na maior parte dos registros (51%) a vítima foi apenas orientada a comparecer no sistema Phoenix para realização de um possível reconhecimento do autor do roubo. Isto revela que mesmo nos registros em que é feita alguma consideração sobre a possibilidade de reconhecimento dos criminosos, esta informação diz respeito a um procedimento geral, não tendo sido a vítima questionada sobre sua real capacidade de identificação dos autores.

Por este motivo, nos históricos de ocorrência deve haver uma orientação para que sempre seja incluída uma clara menção sobre a possibilidade de existência de câmeras de segurança no local do crime, presença de testemunhas e se a vítima possui ou não condições de reconhecer os criminosos, dados que irão auxiliar a Polícia no curso das investigações.

Já em relação ao conteúdo dos campos parametrizados, foi verificado que dados sobre hora, data, local do crime e descrição dos objetos roubados nem sempre foram especificados adequadamente. Ainda que não acreditemos que seja necessário haver mudanças no formato desses campos, é preciso apontar para a necessidade de maior cuidado no preenchimento das informações.

Especificamente sobre o conteúdo do campo com a descrição dos objetos roubados, o detalhamento de informações precisa ocorrer mesmo em casos em que o objeto subtraído possua menor valor comercial. Este é o caso dos registros de roubo de celular, item que compõe a maior parcela dos objetos subtraídos nos crimes de roubo (outros), mas que nem sempre foi caracterizado adequadamente.

Recentemente a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo (SSP/SP) publicou uma resolução que torna obrigatório o fornecimento do IMEI para o registro de roubo de celular, um passo importante para a melhora dos registros de ocorrência e aumento da capacidade de investigação de alguns casos de roubo. É preciso, contudo, alertar que a orientação para o preenchimento deste dado é uma etapa importante, sendo preciso que a população e os profissionais envolvidos no processo de registro sejam informados sobre a importância desse dado e sua inclusão no registro.

Por fim, lembramos que dados sobre vítimas e autores foram mais difíceis de serem analisados. Isto ocorreu porque não tivemos acesso ao conteúdo completo dos boletins, que não continham dados sobre as pessoas envolvidas na ocorrência. Apesar dessa limitação, gostaríamos de lembrar que o entendimento do perfil das vítimas é muito importante para que seja verificado se alguns grupos populacionais podem ser atingidos por dinâmicas criminais específicas, o que indica que cuidado no preenchimento de dados sobre o gênero e idade das vítimas também é algo que precisa ser pensado.

Já a descrição dos autores, a coleta de informações sobre características destes, incluindo peculiaridades que podem ajudar na identificação desses indivíduos é muito relevante. Por esta razão, também alertamos para a necessidade de atenção e cuidado na coleta dessas informações.

Como resultado, as orientações para o preenchimento dos boletins que deveriam ser repassadas aos operadores do sistema podem ser resumidas da seguinte maneira:

Campos Parametrizados

- Solicitar que a vítima informe a data, horário e local da ocorrência. Pedir que ela busque relatar o horário exato do crime e que indique não apenas o logradouro, mas também o número ou altura da via em que ocorreu o roubo;
- Preencher adequadamente as informações sobre o perfil da vítima;
- Solicitar que a vítima informe as características dos autores (sexo, idade aproximada, raça/cor, altura aproximada, vestimentas, marcas ou tatuagens, etc.). Tentar obter o maior número de informações possível sobre cada um dos autores de forma que as informações coletadas possam contribuir com o trabalho de investigação da ocorrência;
- Se quando questionada sobre a presença de testemunhas a vítima relatar que havia pessoas no local do crime, verificar se a vítima poderia informar o nome destas pessoas e demais características;
- No campo de descrição dos objetos subtraídos, buscar detalhar cuidadosamente os objetos roubados, fornecendo informações que possam colaborar com o rastreamento dos bens e bloqueio dos equipamentos.

Histórico do boletim

- Situação da vítima:
 - Perguntar para a vítima sua situação no momento da abordagem (se estava a pé, no veículo, no ponto de ônibus, etc.);
 - Verificar se a vítima estava sozinha ou acompanhada quando foi abordada;
- *Modus operandi* do criminoso:
 - Identificar de que forma o criminoso abordou a vítima (se estava a pé, no veículo, no carro, etc.);
 - Descrever se a vítima conseguiu perceber a aproximação dos criminosos ou se a abordagem foi inesperada (exemplo: algumas pessoas relataram que foram imobilizadas pelas costas e não puderam visualizar o autor);
 - Caso o autor do roubo tenha feito uso de um veículo durante a ação criminosa, descrever as características desse veículo;
 - Relatar quantos criminosos participaram do roubo;
- Uso de armas:
 - Solicitar que a vítima informe se os criminosos estavam portando armas e, em caso positivo, verificar se ela consegue descrever quais eram essas armas;
 - Caso não tenha sido usado algum tipo de arma durante a prática do roubo, descrever qual o meio empregado pelo criminoso para realizar a abordagem (ameaça, simulação do porte de arma, etc.);
- Descrição dos criminosos:
 - Perguntar à vítima se ela consegue descrever os criminosos e solicitar descrição minuciosa;
 - Perguntar se a vítima é capaz de reconhecer o autor;
- Outras informações:
 - Questionar a vítima sobre a presença de câmeras de segurança no local do crime;
 - Questionar a vítima quanto à existência de testemunhas da ação criminosa.

Como observação, alertamos que mesmo que a vítima relate não ter condições de informar o dado questionado, os policiais devem ser orientados a registrar essa informação no boletim, indicando que o procedimento de coleta de informação foi seguido.

Por último, reiteramos que, apesar dos problemas detectados, muitas informações são coletadas nos boletins de ocorrência e verificamos que o uso dessas informações pode ser muito importante para o planejamento das ações de prevenção e combate ao crime.

É preciso o investimento em capacitações não apenas para melhorar o processo de registro das ocorrências, mas também para que a polícia tenha condições de consultar esses dados e possa usá-los no seu dia a dia. Informar os profissionais sobre o tipo de informação disponível

e auxiliá-los no trabalho de consulta e análise é algo que precisa ser feito. O desenvolvimento de ações de inteligência policial pode ser uma ferramenta importante de trabalho e, como pudemos perceber ao longo deste estudo, boa parte das ações criminosas pode ser avaliada através da análise estatística dos dados.

Desta forma, não basta que haja apenas melhorias na qualidade da informação produzida, os policiais devem também ser capacitados de forma que possam ter mais condições de fazer análises sobre o contexto em que estão inseridos e para que sejam capazes de tomar decisões sobre ações necessárias utilizando critérios objetivos. A superação da personalização das ações, embasadas na experiência e interesses individuais, é uma etapa necessária para a melhoria do trabalho policial.